

# Universidade do Algarve

## *A influência dos estilos parentais no consumo de álcool em adolescentes algarvios*

Ana Rita Matos Bacôco

Dissertação para a Obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde

**Trabalho efetuado sob a orientação de: Professora Doutora Cristina Nunes**

2014

# Universidade do Algarve

## *A influência dos estilos parentais no consumo de álcool em adolescentes algarvios*

Ana Rita Matos Bacôco

Dissertação para a Obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde

**Trabalho efetuado sob a orientação de: Professora Doutora Cristina Nunes**

**2014**

## **A influência dos estilos parentais no consumo de álcool em adolescentes algarvios**

### “Declaração de autoria de trabalho”

“Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalho consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.”

---

(Ana Rita Matos Bacôco)

«Copyrigh» por Ana Rita Matos Bacôco: “A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.”

## **Agradecimentos**

À minha mãe, que me ensinou a ser determinada e não desistir, enfrentando quaisquer dificuldades de cabeça erguida, acreditando sempre ser capaz; e ao meu pai, meu exemplo de equilíbrio e assertividade, o meu agradecimento mais sentido é vosso, por tudo o que fizeram por mim, pelo apoio incondicional e pelo amor que trazem à minha vida;

Ao meu irmão Diogo, que sem saber é uma das minhas principais fontes de motivação e inspiração, e para quem espero um dia ser motivo de orgulho;

À minha avó e aos meus padrinhos, que me apoiaram e incentivaram sempre a continuar, e a alcançar o grande objetivo – a conclusão da tese;

Ao “tio” Daniel Maymone, meu maior exemplo de profissionalismo, disponibilidade, amor à profissão e respeito pelos pacientes. Espero um dia poder marcar na vida de alguém, a diferença que marcou na minha;

Aos colegas que se tornaram amigos, especialmente à Joana e à Nicole, fundamentais ao longo da licenciatura, com quem partilhei alegrias, receios, dúvidas e sonhos, e que me fazem acreditar que amigos da faculdade ficam para a vida;

À Kseniya, por me mostrar que podemos sempre superar-nos. Com trabalho e dedicação somos capazes de tudo; à Andreia, pelo incentivo constante e pelo apoio nesta jornada;

Aos professores que me acompanharam ao longo da licenciatura e mestrado, pelos conhecimentos, pela inspiração que representaram, e pela disponibilidade.

À minha orientadora, professora Cristina Nunes, pela paciência e pelo apoio ao longo de todo o processo, até que fosse finalmente atingido o objetivo final.

A todos vocês, muito obrigada!

Esta vitória é nossa!

## **Resumo**

O presente trabalho define como principal objetivo analisar as relações existentes entre os estilos parentais e o consumo de álcool em adolescentes. Paralelamente, pretende ainda descrever e analisar o consumo de álcool em adolescentes algarvios; descrever e analisar os estilos parentais percebidos pelos adolescentes e analisar a relação existente entre os estilos parentais percebidos e o consumo de álcool.

Para tal recorreu-se a uma amostra constituída por 272 adolescentes escolarizados, de ambos os sexos e com idades compreendidas entre os 10 e os 18 anos, a quem foram aplicados os seguintes instrumentos: *Questionário de dados sociodemográficos e familiares*, *Escala de Estilos de Socialización Parental en la Adolescencia* (ESPA29), *Questionário Health Behaviour Schooled Children* (HBSC) e o Kidscreen- 52.

Os resultados confirmam o efeito das práticas parentais dos pais e das mães no consumo de álcool dos seus filhos, apesar de as magnitudes observadas serem relativamente modestas. Os dados apurados sugerem ainda que a perceção de maiores níveis de aceitação/implicação poderá assumir um carácter preventivo em termos de consumo de bebidas alcoólicas.

Pretendemos que os resultados conseguidos, contribuam para a construção de uma intervenção mais eficaz, que considere o papel fundamental que os pais desempenham durante esta etapa da vida humana.

**Palavras-chave:** *Estilos Parentais, Consumo de Álcool, Adolescência.*

## **Abstract**

This work aims to analyze the relationships between parenting styles and alcohol consumption in adolescents. Intends also to describe and analyze the consumption of alcohol in Algarve adolescents; describe and analyze parenting styles perceived by adolescents and to analyze the relationship between perceived parenting styles and alcohol consumption.

For this we used a sample of 272 school adolescents of both sexes and aged between 10 and 18 years, who were administered the following instruments: Questionário de dados sociodemográficos e familiares, Escala de Estilos de Socialización Parental en la Adolescencia - ESPA29, Questionário Health Behaviour Schooled Children- HBSC and Kidscreen- 52.

The results confirm the effect of parenting practices of fathers and mothers in alcohol consumption of their children, although the magnitudes observed were relatively modest. The calculated data also suggest that the perception of higher levels of acceptance / involvement could play a preventive in terms of alcohol consumption.

We intend that these achievements contribute to build a more effective intervention that considers the vital role that parents play during this stage of human life.

**Keywords:** Parenting Styles, Alcohol Consumption, Adolescence.

## Índice

Introdução .....	1
Capítulo I- Revisão da literatura.....	4
1. Consumo de álcool durante a adolescência.....	4
2. Os Estilos Parentais .....	11
2.1. Modelo Teórico: Abordagem configuracional ou tipológica de Baumrind .....	12
2.2. Reformulação de Maccoby e Martin (1983).....	14
2.3. Modelo Relacional/Bidimensional e Tipológico.....	16
3. Influência dos Estilos Parentais no Consumo de Álcool em Adolescentes.....	23
Capítulo II – Parte Empírica.....	28
2.1 Objetivo Geral e objetivos específicos .....	28
Capítulo III- Metodologia.....	29
3.1. Tipo de estudo .....	29
3.2. Amostra .....	29
3.2.1. Técnica de Amostragem .....	29
3.2.2. Caracterização Geral da Amostra .....	29
3.3. Instrumentos .....	33
3.3.1. Questionário de Dados Sociodemográficos.....	33
3.3.2. Escala de Estilos de Socialización Parental en la Adolescencia- ESPA29 .....	33
3.3.3. Questionário Health Behaviour Schooled Children –HBSC.....	34
3.3.4. Kidscreen- 52.....	34
3.4. Procedimentos .....	35
3.4.1. Procedimentos de Recolha de Dados .....	35
3.4.2. Procedimentos de Análise e Tratamento de Dados .....	35
Capítulo IV – Resultados.....	36
4.1 – Hábitos de Consumo de Bebidas Alcoólicas .....	36
3.2 – Perceção dos Estilos Parentais.....	39
3.2 – Perceção dos Estilos Parentais e Consumo de Bebidas Alcoólicas.....	46
Capítulo V – Discussão .....	51
Capítulo VI- Conclusão .....	55
Capítulo VII – Referências Bibliográficas .....	58

## **Índice de Tabelas**

Tabela 3.1- Caracterização sociodemográfica dos pais dos participantes .....	32
Tabela 4.1-. Hábitos de consumo de bebidas alcoólicas por sexo.....	38
Tabela 4.2- Hábitos de consumo de bebidas alcoólicas por escalão etário.....	39
Tabela 4.3. Escala de Socialização Parental na Adolescência - ESPA29.....	40
Tabela 4.4. Escala de Socialização Parental na Adolescência - ESPA 29 por sexo dos participantes.....	45
Tabela 4.5. Escala de Socialização Parental na Adolescência - ESPA 29 por escalão etário dos participantes.....	45
Tabela 4.6. Correlações de Spearman: Consumo de bebidas alcoólicas e Escala de Socialização Parental na Adolescência- ESPA 29.....	47
Tabela 4.7. Análises de Variância Multivariada (Manova's): Consumo de bebidas alcoólicas e práticas parentais dos pais e mães.....	48

## Índice de Figuras

Figura 1.1- Modelo Bidimensional de Socialização e tipologias (Musitu & García, 2004).....	20
Figura 3.1- Diagrama de barras do ano escolar frequentado.....	30
Figura 3.2- Diagrama de barras da idade dos participantes.....	30
Figura 3.3- Diagrama de barras do número de reprovações.....	31
Figura 3.4- Diagrama de barras do número de irmãos.....	31
Figura 4.1- Diagrama de barras da frequência do consumo de cerveja.....	36
Figura 4.2- Diagrama de barras da frequência de consumo de vinho.....	37
Figura 4.3- Diagrama de barras da frequência de consumo de bebidas destiladas.....	37
Figura 4.4- Diagrama de barras da frequência de estados de embriaguez.....	38
Figura 4.5- Diagrama de barras do estilo parental dos pais e mães.....	41
Figura 4.6- Diagrama da linha de percentil médio da Aceitação/Implicação e Coerção/Imposição.....	41
Figura 4.7- Diagrama de linha média da frequência do consumo de bebidas alcoólicas por estilo parental dos pais.....	49
Figura 4.8- Diagrama de barras da experiência de embriaguez por estilo parental dos pais.....	50
Figura 4.9- Diagrama de barras da experiência de embriaguez por estilo parental das mães.....	50

## **Índice de Abreviaturas**

**ESPA 29** - Escala de Estilos de Socialización Parental en la Adolescencia

**HBSC** - Questionário Health Behaviour Schooled Children

**OMS**- Organização Mundial de Saúde

## **Introdução**

A adolescência é considerada uma das fases da vida mais saudáveis. No entanto, por vezes os adolescentes deparam-se com problemas de saúde associados a comportamentos, à relação com o meio e a mudanças sociais que vão gradualmente enfrentando. Numa etapa de maior vulnerabilidade pelas mudanças que ocorrem, pela construção da sua identidade pessoal, autonomia face à família e crescente importância do grupo de pares, muitas das vezes os adolescentes adotam comportamentos de risco para a saúde (Carvalho & Leal, 2006). No entanto, os comportamentos saudáveis, adquiridos durante a adolescência, tendem a permanecer na idade adulta, assim como os comportamentos de risco, que quando adquiridos em etapas precoces, tornam-se difíceis de extinguir na idade adulta e podem comportar consequências para a saúde, tanto a curto como a médio e longo prazo. Entre eles, incluem-se o consumo de tabaco e de álcool (Newman, Harrison, Dashiff & Davies, 2008).

Caracterizada por ser uma etapa pautada pelas descobertas, verifica-se atualmente que para muitos adolescentes, as fronteiras da experimentação não estão suficientemente definidas, podendo estas dar lugar a casos de abuso e dependência de substâncias que afetarão determinantemente o futuro destes jovens (Maia, Freira, Fonseca, Pedro & Silva, 2010).

De acordo com a literatura, o álcool, o tabaco e a cannabis são as drogas mais consumidas pelos adolescentes e o seu uso tem aumentando dramaticamente entre os 11 e os 15 anos em todos os países ocidentais (Currie et al., 2004). Relativamente ao consumo de bebidas alcoólicas, mais de 55 000 jovens europeus morrem todos os anos (Organização Mundial de Saúde, 2001 citado por Corte-Real e tal., 2008), é portanto, cada vez mais, considerada uma questão importante para a saúde pública (Alati et al., 2010), pois embora a maioria dos adolescentes que iniciam o consumo de álcool não se tornem alcoólicos, o consumo numa idade precoce prediz fortemente abuso de álcool e substâncias ilegais mais tarde na vida (Hingson, Heeren, & Winter, 2006).

Nos últimos 30 anos, os investigadores têm vindo a identificar fatores que promovem ou reduzem o abuso de substâncias por adolescentes em contextos sociais e ambientais como o grupo de pares, a família, a escola e a comunidade (Catalano et al., 2002 citados por Wang et al., 2012). Relativamente ao contexto familiar, os pais

desempenham um papel importante no crescimento, desenvolvimento e socialização das crianças (Darling & Steinberg, 1993) e influenciam os seus filhos através do uso de práticas parentais específicas, modelagem de comportamentos e atitudes específicas, e de forma mais ampla através das suas interações interpessoais dentro da família (Rhee, 2008). Deste modo, os modelos parentais, as expectativas e os métodos educativos são importantes fatores que contribuirão para definir o comportamento da criança, bem como as suas atitudes e objetivos (Camacho & Matos, 2006). Por outro lado, as práticas e estilos parentais têm sido apontados como uma importante fonte de influência para o consumo adolescente (Alati et al., 2010). Entende-se por estilo parental um conjunto de atitudes dos pais para com as crianças, que estabelece o clima emocional em que se expressam as várias práticas parentais (Darling & Steinberg, 1993). Isto é, as práticas parentais referem-se ao que os pais fazem (e.g. repreensão ou elogio), enquanto o estilo parental descreve o modo como fazem (e.g. calorosamente ou com hostilidade) (Rhee, 2008).

De um modo geral, apesar de sofrerem alterações durante a adolescência, o relacionamento familiar, a influência dos estilos parentais e da comunicação familiar, continuam a exercer funções importantes para os adolescentes, assumindo um papel determinante no ajustamento psicossocial, na saúde mental, no desenvolvimento de competências psicossociais e em comportamentos de saúde dos jovens (Ardelt & Day, 2002; Van Well, Bogt, & Raaijmakers, 2002). Assim, as relações positivas na família, o suporte emocional e social dos pais, bem como um estilo de disciplina parental construtivo, surgem associadas a maiores níveis de bem-estar e de ajustamento na adolescência (Branje, Van Aken, & Van Lieshout, 2002) e menor envolvimento em comportamentos de risco e em grupos de pares desviantes (Ardelt & Day, 2002).

Neste seguimento, a presente dissertação pretende explorar as relações existentes entre os estilos parentais e o consumo de álcool de jovens adolescentes e ainda descrever e analisar o consumo de álcool em adolescentes algarvios; descrever e analisar os estilos parentais percebidos pelos adolescentes; e analisar a relação existente entre os estilos parentais percebidos e o consumo de álcool. Para tal, o trabalho foi estruturado em sete capítulos, referindo-se o primeiro à revisão da literatura, onde serão apresentados dados epidemiológicos sobre o consumo de álcool em Portugal, as teorias e modelos acerca dos estilos parentais e por fim, alguns dados disponíveis na literatura que aprofundam a relação entre os estilos parentais e o consumo de álcool; seguido dos

objetivos do estudo, a metodologia, resultados, discussão, conclusão e referências bibliográficas, respetivamente.

## **Capítulo I- Revisão da literatura**

### **1. Consumo de álcool durante a adolescência**

Apesar de o álcool não ser uma área de investigação recente, nos últimos anos tem-se dado particular ênfase ao seu consumo durante a adolescência. O crescente interesse denotado pode estar relacionado ao facto de professores e educadores alertarem para um consumo de álcool cada vez mais frequente por parte dos jovens (Trindade & Correia, 1999).

O álcool é a substância psicoativa comercializada em maior quantidade à escala mundial (Advisory Council on the Misuse of Drugs, 2006), constitui-se portanto como um importante contributo para economia nacional de vários países, entre eles Portugal, onde o comércio desta substância representa uma percentagem significativa das exportações e gera emprego a milhares de pessoas. O consumo de bebidas alcoólicas está ainda de tal forma enraizado na cultura portuguesa que está presente em muitas das nossas tradições gastronómicas e eventos recreativos e sociais (Fonseca, 2010; Matos et al., 2013; Babor, 2003).

Não obstante das suas vantagens para o sector económico, o consumo abusivo de álcool – substância considerada precursora de outras drogas (Simões, Matos & Foguet, 2006) - comporta consequências importantes a nível físico, mental e social, resultantes de um episódio agudo, de um consumo excessivo esporádico, ou de um consumo continuado (OMS, 1982 citada por Mello, Barrias & Breda, 2001). As suas consequências afetam não só o próprio consumidor, como os que o rodeiam, manifestando-se através de negligência das obrigações familiares, desemprego, problemas de adaptação no trabalho, diminuição do rendimento laboral/escolar, aumento do absentismo e acidentalidade, desordens em lugares públicos, dificuldades de relacionamento interpessoal, envolvimento em delitos, atos violentos, criminalidade, violência sexual, comportamentos sexuais de risco, degradação da saúde e do nível de vida e bem-estar, acidentes rodoviários, entre outros. A nível da saúde física e mental, podem surgir dificuldades de concentração e memória, diminuição de capacidades cognitivas, problemas de fígado, problemas cardiovasculares, entre outros (Mello, Barrias & Breda, 2001; Fonseca, 2010; Hawkins, Catalano & Miller, 1992; Trindade & Correia, 1999; Chagalwa, Ndurumo, Barasa & Poipoi, 2012).

No caso particular das crianças e dos adolescentes, os seus efeitos podem agravar-se, dado que o sistema biológico do jovem por não estar completamente desenvolvido, não está suficientemente maduro para proceder à degradação do álcool, o que poderá dar origem a danos cerebrais e défices cognitivos, com implicações para a aprendizagem e o desenvolvimento intelectual (Marques, Viveiro & Passadouro, 2013). A nível psicossocial destaca-se o comportamento agressivo e desajustado, redução do desempenho escolar, irritabilidade, relacionamentos interpessoais empobrecidos, grupo de pares com comportamentos desviantes e percepção de que na escola, entre os pares e na comunidade, existe aprovação do abuso de substâncias (Scivoletto, 2001 citado por Costa & Boccaletto, s.d). De salientar ainda que o consumo abusivo precoce de álcool pode conduzir a um quadro de dependência ou, ainda, afectar o processo de formação de identidade pessoal do jovem (Fonseca, 2010).

Para a sociedade, o abuso de substâncias por parte dos adolescentes comporta elevados custos relativos à saúde, educação e criminalidade juvenil (Hawkins, Catalano & Miller, 1992).

A literatura aponta diversos factores potenciadores deste tipo de comportamento na adolescência, entre eles os factores ambientais, onde se enquadram a família, o grupo de pares e a escola. Considerados os principais contextos de socialização, estes podem funcionar enquanto factores de risco ou de protecção para os comportamentos de risco (Simões, Matos & Foguet, 2006).

De acordo com Saito (2001 citado por Costa & Boccaletto, s.d) entre os factores de protecção para o consumo de drogas entre adolescentes, destacam-se: confiança nos pais e pares; poucos conflitos familiares; envolvimento religioso; participação em grupos de jovens; expectativas educacionais; bom desempenho académico, entre outros. Já no que respeita a factores de risco, Saito (2001 citado por Costa & Boccaletto, s.d) refere: curiosidade natural da adolescência, valorização da opinião de amigos e da moda, necessidades de aprovação, exemplos de ídolos e familiares, envolvimento familiar e de amigos em consumos de substâncias, ausência de um dos progenitores, desempenho escolar insatisfatório, menor frequência na prática de desporto, desinformação sobre os efeitos do consumo de substâncias, facilidade de acesso às substâncias, insegurança, sintomas depressivos, baixa autoestima, baixa percepção de apoio materno e paterno, ausência de normas e regras claras, baixo senso de responsabilidade entre outros.

Relativamente à família – variável abordada no presente estudo – esta representa uma forte influência na vida do adolescente, designadamente no que diz respeito à saúde e bem-estar. (Simões, Matos & Foguet, 2006). Com efeito, estudos têm vindo a sugerir que um suporte afectivo adequado, a par de uma boa supervisão e de uma boa comunicação entre pais e filhos, podem ser factores fundamentais para um bom ajustamento do jovem (Chou, 1999; Greeff & le Roux, 1999; Weitoft, Hjern, Haglund, & Rosen, 2003 citados por Simões, Matos & Foguet, 2006). Paralelamente à família surgem com particular destaque nesta fase da vida, os amigos. Simões, Matos e Foguet, (2006) apontam o grupo de pares como uma influência para o comportamento desviante.

Simões, Matos e Foguet (2006) construíram um modelo explicativo dos comportamentos de risco na adolescência, particularmente do consumo de substâncias. Conforme o mesmo, determinados factores associados à família, amigos, colegas e professores podem contribuir para o desenvolvimento de factores pessoais que inibem ou promovem o envolvimento em comportamentos de risco. Assim, entre os múltiplos factores analisados, os que parecem contribuir mais para o consumo de substâncias são: os consumos revelaram-se os principais preditores de outros consumos; o bem-estar, a satisfação com a escola e os amigos; o stress e outros sintomas de mal-estar, servindo o consumo de tabaco e de álcool como uma forma de os aliviar. A família e o grupo de pares evidenciaram-se pelo seu impacto negativo relativamente aos sintomas de mal-estar psicológico, e positivo ao nível do bem-estar, denotando-se assim o seu importante papel enquanto factor de protecção das perturbações emocionais e confirmando ser um dos principais recursos ou riscos na vida dos adolescentes (Simões, Matos & Foguet, 2006); por fim, os professores parecem contribuir para a satisfação com a escola, sendo este último um factor de protecção ao nível dos consumos.

Com efeito, assiste-se atualmente a uma elevada prevalência do consumo de substâncias psicoativas e a alterações nos padrões de consumo que ameaçam a saúde, bem-estar e qualidade de vida dos adolescentes (Vinagre & Lima, 2006).

Estudos europeus recentes referem que 9 em cada 10 adolescentes, dos 15-16 anos de idade, já consumiram álcool; que o início do consumo se faz em média aos 12 ½ anos de idade; e que 29% dos adolescentes com 15 anos de idade referem ter um consumo semanal (Anderson e Baumberg, 2006; European School Survey on Alcohol

and Other Drugs, 2009; Deutsche Hauptstelle für Suchtfragen, 2008 citados por Barroso, Mendes & Barbosa, 2012).

Relativamente a Portugal, os dados resultante do estudo HBSC, um estudo internacional promovido pela OMS, cujos resultados fornecem informações importantes sobre os comportamentos associados à saúde dos jovens, revelou que no que respeita à problemática do álcool, cerca de 40% dos adolescentes diz ter bebido álcool pela primeira vez aos 12-13 anos, situando-se o primeiro episódio de embriaguez, na maioria dos casos, aos 14 anos ou mais tarde. Relativamente ao consumo de bebidas alcoólicas, a maioria dos jovens – especialmente as raparigas - refere que raramente ou nunca consome as bebidas apresentadas; quem o faz, opta pela cerveja. Verifica-se também que são os jovens mais velhos que consomem mais e que relatam mais vezes ter ficado embriagados, apesar de a maioria dos jovens inquiridos referir nunca se ter embriagado (Matos et al., 2012).

Em relação à frequência de consumo de álcool são os rapazes que mais referem ter bebido álcool e ter estado embriagados nos últimos 30 dias (Matos et al., 2012).

De salientar que cerca de metade dos adolescentes refere não beber, e mais de um terço refere fazê-lo durante o fim-de-semana à noite (Matos et al., 2012).

Com efeito, de um modo geral, a maioria dos estudos recentes realizados em território nacional apontam o álcool como a substância mais consumida, sendo o início de consumo bastante precoce. Ferreira e Torgal (2010) apuraram uma idade mínima de consumo situada nos 8 anos de idade. Os rapazes consomem mais do que as raparigas, existe uma preferência crescente pelas bebidas destiladas e verifica-se um aumento das quantidades consumidas conforme a idade vai avançando. É o caso por exemplo do estudo de Vinagre e Lima (2006), onde se verificou que 93,5% dos 585 adolescentes inquiridos referiu já ter consumido álcool, sendo esta a substância mais consumida. O consumo de bebidas destiladas é o mais referido, (44,1%), sendo que a cerveja foi mencionada por 28,2%. Os rapazes referem consumos mais frequentes, as bebidas destiladas detêm a preferência e verifica-se um aumento do consumo numa fase tardia da adolescência (17/18 anos).

Na mesma linha, Matos e colaboradores (2001) apuraram que os rapazes e os sujeitos com mais idade são quem mais relata ter experimentado álcool, bem como se afirma como consumidores regulares e abusivos, isto é, embriaga-se com maior frequência. No geral, os consumidores regulares ou abusivos de demonstram-se mais

afastado da família e do contexto escolar. São os que mais confirmam consumos de outras substâncias e envolvimento em situações de conflito na escola, para além disso são aqueles que mais frequentemente revelam despende mais de quatro horas por dia a ver televisão, praticam menos atividade física e afirmam-se menos felizes, apresentando sintomas de mal-estar físico e psicológico.

Existem atualmente diversos estudos exploratórios semelhantes ao desta dissertação, versando sobre determinadas áreas do país, não tendo sido encontrados porém nenhum com uma amostra exclusivamente Algarvia. Por exemplo, um estudo realizado por Lomba e colaboradores (2011) em 6 cidades portuguesas (nenhuma do Algarve) no sentido de traçar o perfil dos jovens portugueses que frequentam ambientes recreativos noturnos e determinar quais os comportamentos que adoptam, verificou que para os 1257 jovens, com idades entre os 15 e os 35 anos, inquiridos, as substâncias psicoativas mais consumidas são o álcool, a *cannabis* e a cocaína, sendo que o consumo de álcool é generalizado, independentemente da cidade em questão. Verificaram ainda que o álcool é a substância cuja iniciação ao consumo ocorre mais precocemente, em média aos 14,98 anos; podendo isto dever-se ao facto de o álcool, em Portugal, ser considerado um elemento culturalmente constituinte de eventos sociais.

Feijão (2010), num estudo realizado com cerca de 36 000 alunos do ensino básico e 36 500 do ensino secundário de todo o país, denotou uma redução da percentagem de consumidores de bebidas destiladas no 3.º ciclo; aumento do número de alunos com consumos regulares e aumento dos relatos de episódios de embriaguez. No que respeita aos participantes representantes do Algarve entre 18.6% -27.5% de alunos do secundário revelam embriaguez nos últimos 30 dias. No 3º ciclo a percentagem regride para o intervalo de 9.3 -11.6%. O autor do estudo ressalva ainda o importante papel que o “mercado da diversão” detém face aos consumos, uma vez que parece existir uma associação entre o agravamento dos padrões de consumo nos alunos do secundário e as saídas à noite com os pares a bares/ discotecas, dados corroborados pela maioria dos estudos, onde as saídas noturnas são frequentemente apontadas como o principal contexto de consumo de álcool.

Reis e colaboradores (2011) desenvolveram um estudo com 955 adolescentes do nordeste transmontano, visando caracterizar o consumo de álcool nos adolescentes entre os 13 e os 19 anos. Como resultados apuraram um consumo de álcool nos adolescentes acima da média, sendo que 89.8% dos participantes já consumiram álcool em alguma

ocasião, sendo que quase metade dos inquiridos afirmou ter começado a beber antes dos 15 anos. Em relação aos motivos de consumo, destaque para os de carácter social: gosto pelo paladar e o acompanhar os amigos foram os mais referidos. Tal poderá indicar uma tentativa de corresponder às expectativas do grupo. Por sua vez um estudo elaborado por Matos e colaboradores (2010) verificou que os adolescentes do sexo masculino, na faixa de 17 a 19 anos, com iniciação de consumo antes de 13 anos, apresentaram maiores prevalências do consumo frequente; as principais motivações citadas para o uso regular foram a curiosidade, prazer e intenção de ficar animado e diminuir a ansiedade; a presença de famílias com problemas relacionados ao consumo de álcool e outras substâncias psicoativas, o consumo de bebidas com amigos e presença de tráfico de drogas no bairro em que vivem, entre outros; entre as consequências do consumo frequente as mais citadas foram a prática sexual com pessoa pouco conhecida, discussões e conflitos, absentismo e uso de outras substâncias psicoativas.

Fonseca (2010) realizou um estudo longitudinal, com cerca de 1550 alunos do ensino básico de Coimbra seguidos desde os primeiros anos do ensino básico até aos 17-18 anos, com o objetivo de analisar os efeitos do consumo de álcool sobre o desempenho académico na adolescência, em Portugal. Os resultados revelaram que o consumo de álcool já ocorria com alguma frequência nos primeiros anos do ensino básico, aumentando progressivamente com a idade. Não se encontraram diferenças significativas no desempenho escolar entre os que nunca consumiram álcool e os que o experimentaram alguma vez. No geral, os resultados sugeriram que o consumo de álcool, especialmente quando ocasional e moderado, não afecta significativamente o desempenho escolar dos jovens.

Um estudo realizado por Ferreira e Torgal (2010) com uma amostra de 680 adolescentes do Porto, verificou que 42,6% dos participantes referem já ter bebido. A maioria (73,5%) começou a beber entre 14 e 16 anos, sendo que a idade mínima do início do consumo foi apontada aos 8 anos. As bebidas mais consumidas pelos estudantes, são as destiladas. Os lugares onde os participantes relataram beber com mais frequência foram os locais públicos (discotecas, cafés, restaurantes, bares), e na companhia dos amigos. Uma vez mais os rapazes são quem mais bebe, e os adolescentes mais velhos (17 a 19 anos) consomem mais álcool do que os mais novos (14-16 anos). De referir que 20,6% afirma ter começado a beber antes dos 14 anos, e 44,1% assume já se ter embriagado.

Marques, Viveiro & Passadouro (2013) realizaram um estudo no distrito de Leiria, e verificaram um consumo de álcool de aproximadamente 90% dos 450 adolescentes inquiridos. Verificou-se que os rapazes começaram a beber bebidas alcoólicas mais cedo do que as raparigas, aumentando significativamente o seu consumo de álcool com a idade. Estes consumos ocorrem sobretudo na companhia dos pares em saídas noturnas. Apesar de em ambos os sexos predominar o consumo tipo *binge drinking* - em ingere-se uma grande quantidade de álcool, de modo a ficar embriagado, os jovens do sexo masculino consomem maior quantidade por ocasião, muitas vezes até ficarem embriagados, comportamento menos comum no sexo feminino. Neste estudo verificaram-se diferenças ao nível da bebida consumida, sendo que os rapazes bebem mais cerveja e as raparigas bebidas espirituosas e shots, contrariando os resultados apurados na maioria dos estudos.

Tendo em conta que os hábitos de consumo podem ainda diferir conforme a cultura em questão e a situação socioeconómica, Gaspar e colaboradores (2006) inquiriram 26 adolescentes migrantes africanos com estatuto socioeconómico baixo, a residir em bairros problemáticos, com idades compreendidas entre os 13-19 anos de idade. Relativamente ao consumo de álcool, a maioria associa o consumo de álcool a saídas noturnas. Citam o divertimento e a gestão emocional e interpessoal como as principais razões que impulsionam o consumo de álcool. Neste estudo os autores referem que os grupos de pares tanto podem funcionar como um forte factor protector pelo apoio e pelas atividades de lazer partilhadas, como podem consistir-se como fator de risco, a nível dos consumo e das relações sexuais de risco.

Numa abordagem diferente ao tema, Carvalho e Leal (2006) realizaram um estudo com 376 jovens entre os 13 e os 19 anos, visando perceber o que estes pensam sobre o consumo de substâncias, quais os seus conhecimentos, crenças, e o seu posicionamento perante situações concretas (independentemente de terem iniciado ou não o consumo). Verificaram um bom nível de informação e atitudes predominantemente negativas face ao consumo de álcool e drogas, sendo que os adolescentes do sexo masculino apresentaram atitudes mais favoráveis ao consumo de álcool do que as raparigas.

Antunes e colaboradores (2006) realizaram um estudo no sentido de explorar a relação entre a autoestima e os comportamentos de risco em adolescentes. Os autores verificaram que o consumo habitual de tabaco e álcool, não exerce influência na autoestima dos adolescentes. Dados concordantes com a maioria da literatura que

defende que o comportamento de risco pode ser adotado como forma de manter a autoestima, quando não se atinge o sucesso pretendido em áreas desejáveis como a realização escolar (Robinson, 1990).

Um estudo realizado por Corte-Real e colaboradores (2008) com 8480 adolescentes portugueses com idades entre os 12 e os 20 anos, utilizando um dos instrumentos usado na presente investigação, o HBSC, indica que os rapazes consumiam mais do que as raparigas em todos os escalões etários, sendo possível observar um grande aumento da regularidade do consumo com a idade.

Em suma, os resultados apurados apontam na sua generalidade para um consumo cada vez mais precoce, com maior incidência conforme o avançar da idade. Denota-se ainda que apesar do crescente consumo verificável no sexo feminino, são os rapazes quem mais consome. Relativamente às bebidas escolhidas, observa-se uma preferência pelas bebidas destiladas.

Nas últimas décadas tem existido uma sensibilização para a problemática do álcool, têm sido implementados programas escolares de educação para o álcool, o que resulta num maior domínio sobre o tema, no entanto o uso da substância mantém-se; e a promoção de atividades saudáveis e antagónicas, como o desporto, também não atinge os resultados esperados (Babor, 2003), verificando-se através da avaliação destes programas educativos que os resultados dos mesmos se revelam na sua maioria pouco consistentes, e cujos efeitos não persistem (Babor, 2003).

## **2. Os Estilos Parentais**

No decorrer do último século, as práticas de socialização parental, também referidas na literatura como práticas educativas, têm tido particular enfoque por parte das ciências sociais (Musitu & García, 2004).

Por definição, *socialização*, enquanto conceito, refere-se a um processo de aprendizagem informal e inconsciente, no qual através de um complexo processo de interações, a criança assimila conhecimentos, atitudes, valores, costumes, necessidades, sentimentos e padrões culturais que caracterizarão em toda a sua vida, o seu estilo de adaptação ao ambiente (Musitu & García, 2004 citados por Musitu & García, 2004). Do êxito deste processo dependem, não apenas a sobrevivência e adaptação da criança, como também a contribuição desta para a sociedade (Musitu & García, 2004).

A família constitui-se como o principal contexto onde se experienciam as primeiras relações sociais e onde se realizam a maioria das aprendizagens iniciais acerca das pessoas, das situações e das capacidades individuais, aquisições estas que serão importantes no desenvolvimento da personalidade do indivíduo e na definição dos seus padrões comportamentais, das atitudes e dos valores (Sprinthall & Collins, 1999). Neste sentido, a influência formativa das aprendizagens iniciais, a par de outros fatores como o clima emocional da família, o modo como os pais ensinam os filhos, as oportunidades e dificuldades que a vida familiar coloca ao desenvolvimento normal, entre outros, podem ser apontados como possíveis razões para o facto de a família exercer tão forte impacto nas relações e tarefas do sujeito, tanto na adolescência como na vida adulta (Sprinthall & Collins, 1999).

Assim sendo, a socialização parental é provavelmente a mais estudada e uma das mais importantes (Musitu & García, 2004). De acordo com Oliveira (1994) os primeiros estudos acerca da interação pai/filho surgiram entre a década 20 e a década 30, dando particular ênfase à disciplina e às atitudes parentais. Contudo, durante o pós-guerra, na década de 40, verificou-se um crescente interesse nos estilos educativos, verificando-se um aumento do número de investigações subordinadas ao tema, interesse este que se arrasta até aos dias de hoje.

### **2.1. Modelo Teórico: Abordagem configuracional ou tipológica de Baumrind**

Dos diferentes contributos que foram surgindo no âmbito da categorização dos comportamentos e atitudes dos pais face aos filhos, o de maior relevo foi o de Diana Baumrind no final da década de sessenta (Parra & Oliva, 2006; Musitu & García, 2004), cujas investigações, realizadas através de pesquisas, auto-relatos e observação, apontaram também, à semelhança das investigações dos seus antecessores, para a existência de duas dimensões subjacentes às relações paterno-filiais, sendo elas a aceitação e o controlo parental (Musitu & García, 2004; Pacheco, Silveira & Schneider, 2008). Importa referir que consoante o autor, assim varia a denominação atribuída às dimensões (Musitu & García, 2004).

Em 1965, Diana Baumrind (Baumrind, 1967 citada por Sprinthall & Collins, 1999) realizou uma investigação com o propósito de determinar que ligações podem ser estabelecidas entre as atitudes e comportamentos dos pais, na família, e na personalidade das crianças. A investigadora verificou que algumas das crianças

apresentavam autoconfiança, autocontrolo, eram curiosas e mostravam estar satisfeitas; por oposição, outras manifestavam insatisfação, desconfiança, tendência para o isolamento e reduzidos níveis de autoconfiança e autoconceito. Neste seguimento Baumrind definiu três grupos de pais – os **autoritários**, os **permissivos** e os **autorizativos** (*authoritative*). Os critérios que estavam na base da distinção consideravam o grau de controlo e autoridade e a forma como estes eram exercidos sobre o comportamento dos filhos, e o carinho e tolerância que lhes demonstravam (Parra & Oliva, 2006).

Assim, no caso de pais **autoritários**, destaca-se uma componente mais rígida e de maior controlo na relação. Estes pais pretendem que os filhos adotem padrões perfeitos de comportamento. Para tal, tentam prevenir comportamentos para si considerados como inaceitáveis, e incutir um sentido de respeito pela autoridade. Podem recorrer à punição e a atmosfera emocional é sobretudo fria e distante.

Por sua vez, famílias consideradas **permissivas**, tendem a ser pouco exigentes e raramente apelam à força e poder como recursos para impor o seu modelo de educação, optando pela razão e persuasão.

Por fim, as famílias **autorizativas** definem claramente os limites e expectativas face às crianças e ao seu comportamento. Tentam dar orientação e para tal recorrem às regras e ao uso da razão, bem como ao uso equilibrado e justo de recompensas e punições nitidamente relacionados com determinado comportamento. Estes pais são conscientes do seu papel enquanto autoridade mas mostram-se permeáveis aos interesses dos filhos. Habitualmente o clima afetivo é caloroso e de aceitação (Sprinthall & Collins, 1999).

Após correlacionar as características dos pais com as crianças em estudo, Baumrind concluiu que as crianças educadas no seio de famílias autorizativas são as que apresentam níveis mais elevados de autoconfiança, autocontrolo, curiosidade e satisfação. Por oposição, crianças pertencentes a famílias do tipo autoritário, parecem não definir objetivos, mostram-se mais submissas e dependentes, para além de apresentarem níveis mais reduzidos de responsabilidade. Já nas crianças de famílias permissivas, verificam-se níveis inferiores de responsabilidade social e de orientação para a realização, quando comparadas com crianças de famílias autorizadas, contudo mostram-se autoconfiantes e independentes (Baumrind, 1967 citado por Sprinthall & Collins, 1999). Com efeito, famílias autorizativas surgem na literatura comumente

associadas ao que se considera um comportamento normal na adolescência (Sprinthall & Collins, 1999). Uma das razões explicativas talvez esteja ligada ao facto de os pais que utilizam diferentes estilos de educação nos filhos, estarem na realidade a ensinar-lhes diferentes padrões de responsabilidade social e de interesse pelos outros. Os pais autorizativos apresentam aos filhos modelos de responsabilidade social e mostram-se preocupados com o bem-estar deles, atitudes estas que os filhos podem tentar igualar (Hill, 1986 citado por Sprinthall & Collins, 1999). Pais autorizativos permitem ainda que os filhos concretizem os comportamentos responsáveis, criando oportunidades para tal. Paralelamente, promovem a tomada de decisão, tendo por base linhas orientadoras, e concedendo, posteriormente, algum *feedback*. Por sua vez, pais autoritários têm menos oportunidades de permitir uma autonomia limitada; e os permissivos podem não ser capazes de dar orientações adequadas. Assim sendo, as famílias autorizativas parecem constituir o contexto mais apropriado para adquirir determinados comportamentos maduros e socialmente responsáveis (Sprinthall & Collins, 1999).

## 2.2. Reformulação de Maccoby e Martin (1983)

Posteriormente, em 1983, os autores Maccoby e Martin, tendo por base o modelo tripartido de Diana Baumrind – autoritário, autorizativo e permissivo – sugeriram um modelo bidimensional de socialização parental onde se assume que as dimensões *exigência* e *responsividade*, são ortogonais (Darling & Steinberg, 1993; Smetana, 1995), dimensões estas equivalentes às tradicionalmente referidas na literatura como coerção e afeto (Musitu & García, 2004). Assim, partindo das dimensões exigência e responsividade, definem-se quatro estilos parentais: autorizativos, indulgentes, autoritários e negligentes.

Pais **autorizativos** apresentam elevados níveis tanto de coerção, como de afeto. Estes pais tendem a ser preocupados e envolventes, e mantêm a postura firme e consistente no estabelecimento de limites. Encorajam a independência e individualidade da criança, e consideram a sua opinião, incentivando a partilha de ideias. Este estilo parental surge associado à independência, autoconfiança, e a indivíduos responsáveis, a resultados positivos na infância, como uma maior realização académica, aumento da capacidade de autorregulação, o uso mais frequente de estratégias adaptativas, menos sintomas depressivos, e menos comportamentos de risco (Aunola, Stattin, & Nurmi, 2000 citados por Rhee, 2008; Radziszewska et al. 1996 citados por Rhee, 2008;

Steinberg, Lamborn, Darling, Mounts, & Dornbusch, 1994; Glasgow, Dornbusch, Troyer, Steinberg, & Ritter, 1997; Musitu & García, 2004);

Pais **autoritários** caracterizam-se por uma conduta pautada por uma alta coerção e pouco afeto (Musitu & García, 2004). De acordo com Baumrind (1966) estes pais são muito exigentes e insensíveis, assim sendo, recorrem a instruções verbais e ordens, não apresentando sugestões, que permitam à criança alguma liberdade de escolha. Crianças criadas neste contexto tendem a ter um bom comportamento mas tornam-se inseguras e exigentes consigo mesmas. Quando adultos, muitas das vezes apresentam excesso de culpa, depressão, baixa assertividade, ansiedade e baixa autoestima (Teyber, 1992); **Pais indulgentes** mostram-se muito afetuosos e pouco coercitivos (Musitu & García, 2004). Os filhos não sabem qual o comportamento que devem adotar nem quais as consequências caso infrinjam as normas, uma vez que os pais permissivos não as aplicam uniformemente. Assim sendo, estes pais, carinhosos e comunicativos, deparam-se muitas das vezes com filhos pouco disciplinados e irresponsáveis (Teyber, 1992). Crianças tratadas com demasiada condescendência, podem ainda vir a apresentar problemas de ajustamento mais tarde, como sejam as dificuldades em respeitar a autoridade, ou envolverem-se com drogas e álcool. Enquanto adultos, tornam-se mais autocentrados, exigentes e têm dificuldades em cumprir deveres e em assumir compromissos. Habitados a verem os seus desejos atendidos, filhos de pais indulgentes acreditam que podem esquivar-se das consequências dos seus atos. Investigações têm apontado estas crianças como mais imaturas, dependentes e exigentes, com baixo autocontrolo, baixa tolerância à frustração e dificuldades em relacionar-se com os pares (Teyber, 1992); Por fim, **pais negligentes** apresentam reduzidos níveis tanto de afeto como de coerção (Musitu & García, 2004). Tendem a ser frios e mostram desinteresse pelas necessidades da criança ou adolescente, o que reflete a sua vontade de afastamento. Tentam reduzir o tempo de interação e caracterizam-se pelo não envolvimento e baixo compromisso com o papel de pais. Crianças criadas no ceio deste estilo parental apresentam falta de resistência à frustração e baixo controlo emocional, pouco interesse pela escola e poucos objetivos a longo prazo. Na adolescência é comum apresentarem comportamento antissocial como abuso de álcool e delinquência (Maccoby & Martin. 1983 p. 50 citado por Regber, Kelly & Marild, 2007).

Darling e Steinberg (1993 citados por Paiva & Ronzani, 2009) distinguem ainda estilos parentais de práticas educativas. Isto é, **estilos parentais** dizem respeito a um

padrão geral de condutas que caracteriza a interação na díade em múltiplas situações, proporcionando um clima emocional em que as práticas se expressam; já as **práticas educativas**, dizem respeito às estratégias e técnicas utilizadas pelos pais, com o intuito de guiar o comportamento dos filhos em determinadas situações. Na literatura, estas podem também ser referidas como estratégias socialização, uma vez que através delas, os pais informam a criança de qual o comportamento que consideram mais ajustado face a situações específicas, visando a alteração daquele que era anteriormente adotado pela criança (Cecconello, Antoni & Koller, 2003; Alvarenga & Piccinini, 2001; Darling & Steinberg, 1993 citados por Paiva & Ronzani, 2009).

### **2.3. Modelo Relacional/Bidimensional e Tipológico**

O Modelo Relacional de Musitu e García (2004) é o modelo teórico que está na base da construção de um dos instrumentos utilizados na presente investigação, o ESPA 29, um questionário que avalia os estilos parentais.

Este modelo parte do pressuposto teórico de que a socialização parental é apenas um dos componentes de um processo de socialização mais vasto que por sua vez se encontra integrado num contexto social. Assim, no que toca à socialização parental, este processo conta com a participação de no mínimo uma das figuras parentais e o filho, sendo o primeiro agente socializador e o segundo, objeto de socialização. Paralelamente, os autores defendem ainda que este processo deve responder a três objetivos, sendo eles o controlo do impulso, a preparação e desempenho de um papel e o cultivo de fontes de significado (Musitu & García, 2004).

#### **Modelo Bidimensional**

De acordo com este modelo, a socialização parental abrange estilos de socialização distintos, sendo estes definidos a partir de um modelo bidimensional, constituído por dois eixos fundamentais – aceitação e coerção (Moraes, Camino, Costa, Camino & Cruz, 2007).

Assim, no que respeita à primeira dimensão – Implicação/Aceitação – esta caracteriza-se pelo reforço positivo dos pais a comportamentos dos filhos julgados como adequados. Estes pais tendem a expressar aprovação e afeto aquando do cumprimento das normas. Acredita-se que esta dimensão promova a autonomia da criança, uma vez que ao sentir o reconhecimento dos pais, as atitudes do filho serão

conforme as normas, e assim se atingirão resultados satisfatórios face às expectativas de ambos os membros. Caso o comportamento ajustado do filho não seja reforçado, este poderá entender a atitude dos pais enquanto indiferença (Musitu & García, 2004). Importa contudo referir que mesmo numa relação pautada pela implicação/aceitação, existirão sempre comportamentos menos adequados por parte do filho, ainda que pontuais. Neste caso o progenitor não deverá adotar uma postura de condescendência, de modo a que o filho possa aprender a interpretar as suas respostas e entender a diferença que nelas existe conforme o seu próprio comportamento. Embora existam referenciadas na literatura inúmeras estratégias passíveis de serem utilizadas nestes casos de incumprimento, o diálogo é a única positivamente correlacionada com a dimensão em questão (Musitu & García, 2004). Para que este diálogo seja possível, é necessário que os pais se mostrem disponíveis para escutar o filho, deste modo, ainda que não se atinjam de imediato os objetivos pretendidos ao nível do comportamento, a relação sairá fortalecida, uma vez que os filhos terão oportunidade de entender os motivos subjacentes à reprovação do seu comportamento, podendo assim negociar soluções que agradem a ambas as partes (Musitu & García, 2004).

Filhos criados em ambiente de aceitação, consideram normal que face a um comportamento desadequado, os pais peçam justificações e dialoguem no sentido de lhes mostrar qual o comportamento apropriado em situações semelhantes. Quando tal não acontece, o filho poderá pensar que os pais não acreditam na sua capacidade de cumprir as normas familiares ou que voluntariamente não as quer cumprir, ou ainda que estas normas não são estáveis e variam conforme o estado emocional dos pais (Musitu & García, 2004).

Em suma, pais que se enquadram na aceitação/implicação caracterizam-se pela expressão do afeto quando o filho se comporta de modo adequado e pelo recurso ao diálogo em situações de desrespeito pela norma. Nestas famílias não é comum existirem comportamentos de indiferença por parte dos pais em relação aos filhos. Sob a perspetiva dos filhos, estes entendem quais as atitudes valorizadas ou não pelos pais, e tendem a agir de acordo com as que consideram apreciadas (Musitu & García, 2004).

No que concerne à segunda dimensão referida pelos autores – coerção/imposição – esta é uma dimensão independente da anterior e caracteriza-se pelo recurso não apenas ao diálogo, mas também à coerção e imposição (Musitu & García, 2004).

A coerção/imposição acontece apenas quando existe uma quebra das normas

familiares, caso os filhos fossem castigados quando cumprem as regras, isso provocaria um estado de confusão e dissonância (Musitu & García, 2004). Com efeito uma atuação coercitiva por parte dos pais, isto é, que recorre à coerção verbal, física ou à privação, objetiva eliminar um comportamento desajustado. Apesar de mais efetivo no momento, quando comparadas com estratégias como o diálogo, este tipo de intervenção comporta uma grande carga emocional, havendo maior probabilidade de ressentimento nos filhos, problemas de comportamento, de personalidade e outros, sobretudo se for utilizado o castigo físico (Musitu & García, 2004). Ainda neste seguimento, importa salientar que estratégias coercitivas, embora permitam o controlo imediato da situação devido à componente emocional que acarretam, devem fazer-se acompanhar pelo diálogo e a comunicação, de modo a que as consequências positivas conseguidas perdurem. Caso assim não seja, os ganhos obtidos ficarão limitados à presença física da figura parental – estímulo inibidor- ou inclusive poderão desaparecer com o tempo (Musitu & García, 2004).

Assim, considerando as diferentes atuações que caracterizam as dimensões supracitadas, o autor Diensbiorg (1984 citado por Musitu & García, 2004) referiu diferentes consequências consoante as mesmas, ou seja, caso os pais recorram frequentemente a estratégias coercitivas severas e intimidadoras, o filho tenderá a associar a emoção desagradável que experiencia a essas estratégias; pelo contrário, se a atuação do pai não for tão extremada, o filho poderá atribuir a sensação negativa a uma causa interna, internalizando assim a norma.

Um estudo realizado por Martinez e colaboradores (2011) visando analisar as propriedades psicométricas da versão em português do Brasil da escala de socialização parental ESPA29 (Musitu & García, 2001) comprovou a estrutura teórica da ESPA 29 na população brasileira. Os resultados conseguidos confirmaram que a versão em português do Brasil do instrumento ESPA29 é indicada para a avaliação dos estilos de socialização através das dimensões Aceitação/ Implicação e Coerção /Imposição.

No entanto, um estudo realizado por Moraes e colaboradores (2007), com cerca de 2000 adolescentes de Paraíba, região também do Brasil, com idades entre os 10 e 18 anos, utilizando o ESPA 29, revelou, contrariamente ao expectável, a existência de três dimensões: aceitação, coerção e displicência. No trabalho original, Musitu e García (2001 citado por Moraes et al., 2007) assumem que a indiferença e a displicência integram o fator ‘aceitação’, na medida em que a aceitação engloba o afeto e diálogo, e,

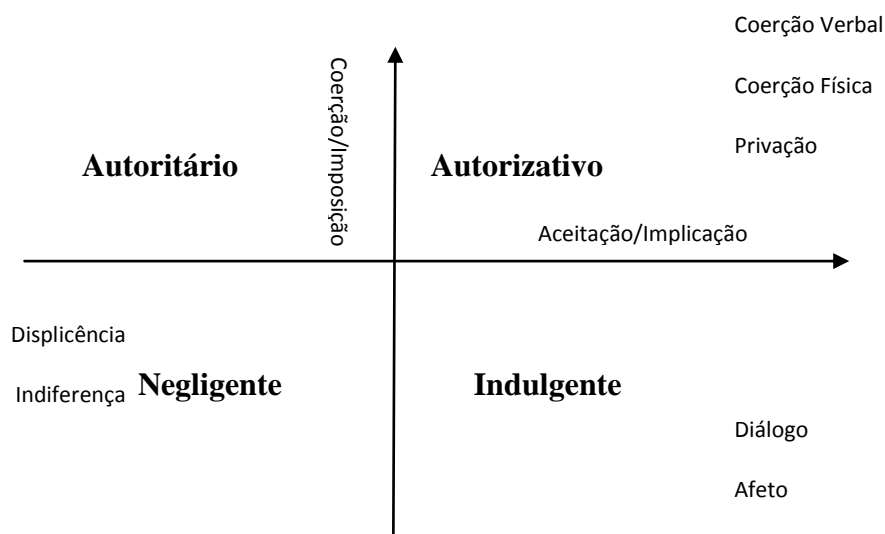
consequentemente, a ausência da indiferença e da displicência. No entanto, nesta amostra os participantes distinguem o dar afeto e dialogar (implicam maior proximidade), de ausência de displicência e indiferença (manifesta falta de atenção dos pais).

Relativamente ao nosso país, Nunes e colaboradores (in press, 2015) também realizaram um estudo com o objetivo de validar a versão portuguesa da ESPA-29. Para tal contaram com uma amostra composta por 849 adolescentes de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 10 e os 18 anos, residentes no sul de Portugal. Os resultados conseguidos confirmaram a estrutura bidimensional da escala e indicam que se trata de uma versão é fiável para o estudo dos estilos de socialização parental em adolescentes portugueses.

### **Modelo Tipológico**

Tal como vem sendo referenciado até aqui, a literatura indica que os estilos de socialização parentais têm subjacente a si duas dimensões que caracterizam a relação entre pais e filhos, sendo necessário considerá-las ambas para que se entenda na globalidade a relação, por exemplo para estimar as consequências advindas de um estilo de alta coerção/imposição, há que considerar também o nível de implicação/aceitação (Musitu & García, 2004). Do cruzamento das dimensões – coerção/imposição e implicação/aceitação – resultam os estilos de socialização parentais, que os autores categorizam em quatro grupos distintos, conforme o modo específico de atuação no que respeita à socialização dos filhos (Musitu & García, 2004), tal como podemos verificar na figura abaixo representada.

Figura 1.1- Modelo Bidimensional de Socialização e Tipologias (Musitu & Garcia, 2004)



Os estilos de socialização sintetizam os comportamentos regularmente utilizados pelos pais no processo de socialização dos filhos (Musitu & García, 2004). Apesar de influenciadas pelo contexto envolvente, a literatura aponta para uma “consistência interna e uma coerência ao longo do tempo nas estratégias utilizadas pelos pais, de modo a que se pode falar em determinados estilos de socialização predominantes e universais” (Musitu & García, 2004).

Assim, de acordo com os autores Musitu e García (2004) e tal como exemplificado na figura 1.1, da convergência das dimensões de aceitação/implicação e coerção/imposição, resultam os seguintes estilos parentais: autorizativo, indulgente, negligente e autoritário, cada um com as suas vantagens e desvantagens.

O **estilo autorizativo** caracteriza-se por um elevado grau de aceitação/implicação e de coerção/imposição. Por norma, pais deste estilo fazem da comunicação um dos pontos forte da relação, mostrando-se disponíveis para avaliar os argumentos dos filhos face a uma ordem, recorrem habitualmente à razão para conseguirem a colaboração do filho e utilizam o diálogo, em detrimento da imposição para atingir os objetivos pretendidos. Em situação de incumprimento por parte da criança, podem recorrer também à privação e coerção. De modo geral, estes pais tentam um equilíbrio entre o afeto e o controlo, atribuindo sempre valor a uma comunicação clara que permita ao filho compreender as expectativas que sobre si recaem (Musitu & García, 2004). Estes pais tendem a promover a autonomia do filho, sem abdicar dos seus direitos enquanto pais e adultos, mas reconhecendo os interesses do filho. O facto de os pais adotarem

uma postura impositiva face a um comportamento desajustado, aliando-a a explicações correspondentes, permite que a criança aprenda o respeito pela autoridade e em simultâneo internalize as normas, reduzindo a probabilidade de ocorrência de comportamentos desajustados em situações semelhantes e promovendo um bom ajuste psicológico (Musitu & García, 2004).

Por sua vez, o **estilo indulgente** apresenta elevado grau de aceitação/implicação e baixa coerção/imposição. Estes pais assemelham-se aos autorizativos, promotores da comunicação, no entanto, não recorrem a técnicas disciplinares coercitivas aquando do comportamento inadequado, apostando apenas no diálogo e na razão para cessar estes. De modo geral, o pai indulgente tende a expressar o seu afeto e a aceitar o comportamento e interesses dos filhos. Fomenta a autonomia, evitando o controlo impositivo e coercitivo, mas aconselhando o filho. Embora ensine as normas familiares aos filhos, não os obriga a obedecer rigidamente à autoridade (Musitu & García, 2004).

Estes filhos recebem feedback positivo quando agem bem, mas não são sancionados quando têm um mau comportamento, assim por não reverem nos seus pais um exemplo de autoridade impositiva, não valorizam tanto a tradição e segurança, e têm um menor autoconceito familiar, quando comparados com os autorizativos (Musitu & García, 2004)

No que concerne ao **estilo autoritário**, caracteriza-se por uma baixa aceitação/implicação e alta coerção/imposição. Estes pais apresentam uma forma de atuar mais rígida e menos permeável aos argumentos dos filhos (Musitu & García, 2004). Proferem ordens sem as explicar, não fomentam o diálogo e na maioria das vezes não cedem quando confrontados com os interesses dos filhos (Musitu & García, 2004). Estes pais são habitualmente indiferentes aos pedidos de atenção e apoio dos filhos, não reforçam o seu bom comportamento e a expressão de afeto é pouco frequente (Musitu & García, 2004).

Por norma, estes pais são mais controladores e avaliam o comportamento da criança enquadrando-o num conjunto de normas que deve ser seguido com precisão. Neste sentido a obediência e o respeito pela autoridade, trabalho, ordem e tradição são alguns dos principais valores inculcados por estes pais e quando estes não ocorrem, são exercidas medidas coercitivas visando a conduta correta. Para estes pais o acatar da ordem é o mais importante, não sendo então promovido o diálogo. Como consequência desta educação com elevada coerção/imposição e baixa aceitação/implicação, filhos

criados neste contexto tendem a mostrar maior ressentimento e um menor autoconceito familiar, uma vez que não tiveram o afeto necessário para contrabalançar os seus efeitos negativos. Habitados a ser dirigidos, estes filhos habitualmente não conseguem tornar-se responsáveis, o que se pode refletir a nível académico; e ainda apresentam maior distress internalizado, o que se poderá dever à constante exposição a um contexto familiar “psicologicamente opressor e inapropriado para um desenvolvimento psicossocial” (Musitu & García, 2004, p. 19).

Assim, o estilo autoritário dificulta a internalização das normas familiares e sociais, uma vez que o bom comportamento e o ato de obedecer se deve sobretudo ao medo e não à razão ou ao afeto. Por norma, quando adolescentes, estes filhos ver o seu comportamento imediatamente reforçado, dado que aprenderam a seguir a autoridade e o poder, independentemente do lugar da razão (Musitu & García, 2004).

Por fim, o **estilo negligente** prende-se com reduzido grau quer de aceitação/implicação, quer de coerção/imposição, o que se reflete em pouco afeto, poucas imposições e numerosas atuações de indiferença. Na prática estes pais não apostam na supervisão e controlo dos filhos, optando por deixá-los responsáveis por si mesmos, tanto ao nível de carências físicas como psicológicas, nos aspetos afetivos e materiais. Estes pais concedem poucas explicações sobre as normas familiares e mostram-se indiferentes e pouco implicativos face a um bom ou mau comportamento. Não dialogam, não castigam e pouco interagem. Não reforçam nem aconselham na solução de problemas ou condutas disruptivas que vão surgindo. De um modo geral, pode afirmar-se que estes pais apresentam dificuldade na interação com os filhos, na imposição de limites e na expressão do afeto. Não sabem lidar com as mudanças evolutivas e não se envolvem nas duas atividades. Os filhos, por sua vez, tornam-se crianças e jovens mais impulsivos e agressivos, com maior envolvimento de discussões e maior tendência para o engano e mentira, do que os filhos dos restantes estilos parentais. Implicam-se com maior facilidade em delitos, apresentam mais problemas com abuso de álcool e drogas, e problemas em contexto académicos e laborais. Estudos realizados verificaram que jovens criados neste ambiente apresentam pontuações mais baixas em índices de *distress* internalizado, ajuste e desenvolvimento psicossocial, e problemas de conduta (Musitu & García, 2004).

### **3. Influência dos Estilos Parentais no Consumo de Álcool em Adolescentes**

As investigações desenvolvidas nas últimas décadas sugerem que a qualidade da relação entre pais e adolescentes exerce influência significativa no desenvolvimento de comportamentos de risco e de saúde dos adolescentes (Newman e tal., 2008).

Njenga (2005 citado por Changalwa, Ndurumo, Barasa & Poipoi, 2012), refere que o contexto em que a criança é educada, constitui-se como uma importante variável para o desenvolvimento de possíveis problemas com o álcool. Neste sentido, a família pode ser um fator de risco ou proteção, uma vez que as primeiras experiências da infância vêm reforçar ou desencorajar determinados comportamentos. Isto é, assumindo que o consumo de substâncias é um comportamento social aprendido, este deriva sobretudo da interação que se estabelece entre a criança e a família e o grupo de amigos - as suas fontes primárias de socialização. Assim sendo, desta interação permanente, resulta um vínculo que facilita a transmissão de um conjunto de normas (Paiva & Ronzani, 2009).

No que concerne às investigações que têm vindo a ser desenvolvidas neste âmbito, Oliva e Parra (2004) referem que estas se realizam ou sob enfoque tipológico ou dimensional. O primeiro versa sobretudo na comparação das crianças/adolescentes com base no estilo parental apresentado pelos pais, definido através de dimensões como o afeto e o controlo. Por sua vez no enfoque dimensional relacionam-se determinadas variáveis ou dimensões do estilo parental com variáveis referentes ao ajustamento e competência dos filhos.

Newman e colaboradores (2008) realizaram uma revisão da literatura produzida entre 1996 e 2007, verificando claramente a influência da tipologia parental no desenvolvimento do adolescente. Adolescentes criados em contextos familiares autorizativos apresentam maior proteção e menos comportamentos de risco quando comparados com jovens criados em famílias de outras tipologias. O autor verificou ainda que os pais são as maiores influências dos filhos, pelo que comportamentos de risco por si praticados – como beber álcool - podem implicar risco para o jovem. Influenciam-nos também através dos valores e expectativas que neles depositam. À semelhança da maioria dos estudos, esta revisão verificou ainda que adolescentes de pais autorizativos que estabelecem relações positivas, uma comunicação aberta e saudável e reconhecem o apoio dos pais, têm menos probabilidade de apresentar sintomas depressivos ou envolver-se no consumo de substâncias, comportamentos

violentos e comportamentos sexuais de risco, beneficiando deste tipo de educação em diversos domínios (Newman e tal., 2008).

Piko e Balázs, (2011) no seu estudo procuraram perceber qual o papel do estilo parental firme e de outras variáveis familiares - interações negativas familiares e a identificação positiva com os pais- no consumo de substâncias. Os autores concluíram que adolescentes que experienciam maioritariamente interações familiares negativas e que não se identificam com os pais, apresentam um consumo mais regular de tabaco e álcool e tal como previsto o estilo parental firme serve efetivamente de proteção face aos consumos de substâncias durante a adolescência. Contudo, contrariamente ao que era expectável, Changalwa, Ndurumo, Barasa e Poipoi (2012) verificaram que existe uma relação significativa entre o estilo parental firme e o abuso de álcool entre estudantes do secundário. Isto é, grande parte dos estudantes que adotam este comportamento têm pais firmes. Estes dados vêm contrariar as conclusões de Baumrind (1991) que verificou que pais firmes através do seu modo caloroso e de suporte para com as crianças, ajudam a desenvolver a sua autoestima, que, de acordo com Brennaan (1986 citado por Changalwa et al., 2012) é um importante fator de proteção para o consumo de drogas. Os resultados mostraram ainda que o estilo parental permissivo se encontra significativamente associado ao abuso de álcool entre estudantes do ensino secundário. Estes últimos dados corroboram os encontrados por Wood (2004 citado por Changalwa et al., 2012), que constatou que quando os pais adotam um estilo permissivo face ao uso de álcool, os adolescentes tendem a envolver-se em comportamentos mais abusivos face a esta substância.

Relativamente a estudos com ênfase dimensional, de acordo com Parra e Oliva (2004), os resultados apurados confirmam claramente a importância do afeto e da comunicação para um melhor ajuste do jovem. O papel do controlo, não parece no entanto tão consensual, existindo opiniões diferentes no que diz respeito aos aspetos a incluir no conceito (e.g. exigência, responsabilidade, limites, supervisão, monitorização, conhecimento, entre outros) e quais deles se relacionam efetivamente com o ajuste do adolescente. No entanto, de modo geral, as escalas utilizadas para avaliar o controlo referem-se com a monitorização e o conhecimento que os pais têm sobre os seus filhos. Muitas das vezes, confunde-se controlo com conhecimento, não prestando a devida atenção à forma como os pais obtêm informação acerca dos filhos - através de perguntas diretas, controlo explícito ou autorevelação (Kerr & Stattin, 2000; Stattin & Kerr, 2000

citados por Parra & Oliva, 2006), no entanto, este é um dado importante de ser considerado uma vez a autorevelação é a forma que melhor prediz o ajustamento do adolescente (Parra & Oliva, 2006).

Outra componente de interesse, é a distinção entre controlo psicológico e controlo comportamental (Parra & Oliva, 2006). O controlo psicológico tem carácter mais intrusivo e manipulador e caracteriza-se pelo recurso ao sentimento de culpa e ao fim do amor, desrespeitando a individualidade do jovem e dificultando a sua autonomia (Barber & Harmon, 2002; Barber et al., 1994; Schaefer, 1965 citados por Parra & Oliva, 2006). Em oposição, surge o controlo comportamental, também denominado de monitorização, que implica a colocação de limites e supervisão do comportamento, de modo a reunir condições para um desenvolvimento ajustado (Gray y Steinberg, 1999; Steinberg, 1990 citado por Parra & Oliva, 2006).

A literatura sugere que o controlo psicológico e o comportamental comportam diferentes consequências para o jovem (Parra & Oliva, 2006). Assim, o primeiro contribui para o aparecimento de problemas de internos, como baixa auto-estima ou sentimentos de depressão; já o segundo, evita problemas de comportamento (Barber, 1996; Barber e Harmon, 2002 citados por Parra & Oliva, 2006).

Entre os fatores de proteção, o controlo e a monitorização parental, são apontados como os mais importantes para fazer face ao consumo de substâncias (Ennett et al., 2008). A supervisão dos pais contribui para um menor envolvimento do jovem em situações de risco e para a prevenção da associação do mesmo com pares desviantes (Li, Stanton, & Feigelman, 2000 citados por Piko & Balázs, 2011). Choquet et al. (2007) verificaram no seu estudo uma associação negativa entre o controlo parental percebido e o consumo de álcool, tabaco e cannabis em adolescentes franceses. Assim, quanto maior é a perceção de controlo parental, menor é o uso de substâncias nos adolescentes.

Luís (2011) realizou um estudo com 849 adolescentes portugueses de ambos os sexos, observando que: as dimensões de socialização dos pais alteram em função da idade e do sexo dos adolescentes; os participantes consideravam que a mãe expressava mais afeto em situações não problemáticas, mas também manifestava uma maior coerção verbal face ao comportamento desajustado dos filhos; encontrou também diferenças estatisticamente significativas no grau de aceitação/implicação percebido pelos adolescentes, sendo que conforme os adolescentes crescem, diminui a afectividade dos pais e aumenta o grau de indiferença do pai. Verificaram-se também diferenças

estatisticamente significativas na percepção da aceitação/implicação da mãe, em todas as práticas que a constituem - afecto, diálogo, indiferença e displicência -, bem como no afecto do pai e nas práticas de coerção verbal e privação, nos dois pais.

Paiva e Ronzani (2009) também desenvolveram uma revisão sistemática no âmbito do tema abordado nesta dissertação e encontraram resultados na mesma linha dos que têm vindo a ser citados até ao momento, corroborando uma vez mais a importância dos estilos parentais e das práticas educativas enquanto mediadores da relação na díade e influências na adoção de comportamentos prejudiciais à saúde dos jovens, tais como o consumo de substâncias psicoativas. Ressalvaram também a importância da monitorização parental, suporte, envolvimento e de uma boa comunicação, com clara transmissão de expectativas face ao consumo de álcool, como fator preponderante para que não haja consumo, salientando também a importância da adoção de um estilo autoritativo, caracterizado por um clima emocional que concede aos filhos o apoio necessário à resolução dos problemas por eles experienciados.

Relativamente à influência do grupo de pares, os estudos indicaram que a relação com a família pode ser de maior importância. Um estudo realizado por Bogenschneider e colaboradores (1998) avaliou de que forma as experiências familiares pode ampliar ou reduzir as experiências vividas em contexto de pares, e de que forma estes dois meios influenciam o consumo de substâncias durante a adolescência, para tal recorreu-se a uma amostra composta por díades pai/filho e mãe/filho. Os resultados demonstraram que quando a mãe tem capacidade de resposta para as necessidades e carências do filho, os adolescentes revelam menor orientação para os colegas, o que por sua vez resulta num menor consumo de substâncias pelo adolescente. Relativamente aos pais, níveis mais elevados de monitorização foram associados a níveis inferiores de uso de substâncias pelos filhos.

Uma outra investigação, de Turrise e Ray (2010) apurou que contrariamente à ideia de que a influência dos pais no consumo de álcool vai diminuindo conforme o jovem vai crescendo, e o grupo de pares vai ganhando maior poder enquanto fonte de influência, atuações adequadas contínuas dos pais até à entrada do filho na faculdade podem ser bem sucedidas no que respeita ao consumo de álcool no primeiro ano da faculdade. O estudo demonstrou que práticas parentais que incluíam expressão de desaprovação do consumo de álcool, monitorização elevada e acessibilidade parental estavam associados com menos relatos de consumo durante o primeiro semestre.

Num estudo de Cloninger e Pickens (1991 citado por Changalwa, Ndurumo, Barasa & Poipoi, 2012), numa vertente diferente da que tem sido amplamente referida até aqui, verificou que crianças com pais alcoólicos, quando comparados aos filhos de pais não-alcoólicos, apresentam uma propensão quatro vezes superior de virem a tornar-se alcoólatras quando crescerem. O mesmo se verifica quando os filhos de sujeitos alcoólatras são adotados no nascimento e crescem sem o conhecimento dos pais biológicos. Estes resultados sugerem a existência de uma componente genética, que também pode ser relevante para o tema em estudo.

## **Capítulo II – Parte Empírica**

Os estilos parentais tornaram-se nas últimas décadas numa área de interesse para a Psicologia Clínica e da Saúde.

Estudos recentemente realizados têm procurado perceber qual a influência dos estilos e práticas parentais na adaptação psicológica, sintomatologia psicopatológica e diversos comportamentos de risco para a saúde, nomeadamente nos hábitos de consumo de álcool dos adolescentes. Os resultados todavia não se têm revelado consistentes, o que sugere que este é um terreno ainda fértil para futuras investigações, uma vez que ainda se encontram diversas questões por esclarecer.

Considerando os dados preocupantes de que dispomos em relação ao consumo de álcool por jovens, torna-se importante estudar as relações e os fatores de risco e proteção, de modo a elaborar programas de prevenção para fazer face ao crescente consumo de álcool em idades cada vez mais precoces.

### **2.1 Objetivo Geral e objetivos específicos**

O presente estudo define como objetivo geral:

- Analisar as relações existentes entre os estilos parentais e o consumo de álcool de jovens adolescentes.

Como objetivos específicos, procurar-se-á:

- Descrever e analisar o consumo de álcool em adolescentes algarvios;
- Descrever e analisar os estilos parentais percebidos pelos adolescentes
- Analisar a relação existente entre os estilos parentais percebidos e o consumo de álcool.

## **Capítulo III- Metodologia**

Neste capítulo pretende-se uma descrição dos métodos adotados na presente investigação.

### **3.1. Tipo de estudo**

Trata-se de um estudo exploratório e descritivo, uma vez visou a descrição de uma problemática – o álcool -, relativamente a uma determinada amostra, também ela caracterizada e quantificada através da avaliação dos estilos parentais (Almeida & Freire, 1999).

### **3.2. Amostra**

Recorreu-se a um amostra constituída por 272 adolescentes escolarizados, de ambos os géneros, e com idades compreendidas entre os 10 e os 18 anos.

#### **3.2.1. Técnica de Amostragem**

A amostra foi formada por conveniência (Almeida & Freire, 1999), seleccionando-se os adolescentes de ambos os sexos, com idades entre os 10 e os 18 anos, conforme a disponibilidade dos docentes das escolas do Algarve onde os dados foram recolhidos.

#### **3.2.2. – Caracterização Geral da Amostra**

Participaram no presente estudo 272 adolescentes a residirem na região algarvia (sotavento e barlavento, num total de 42 localidades). Na Figura 3.1, verifica-se que em termos de ano escolar frequentado, o 6º ano e o 8º são respetivamente o mais e o menos representados (32,0% ; $n= 87$  e 6,3%;  $n = 17$ ).

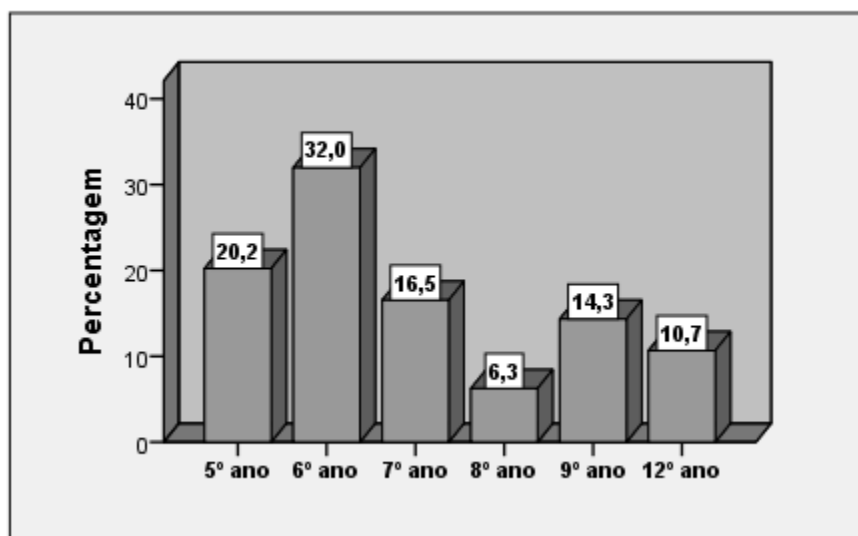


Figura 3.1. Diagrama de barras do ano escolar frequentado.

Em termos de idades, tal como se pode observar na Figura 3.2, estas variam entre os 10 e os 18 anos, situando-se a média nos 12,79 anos ( $DP = 2,19$ ).

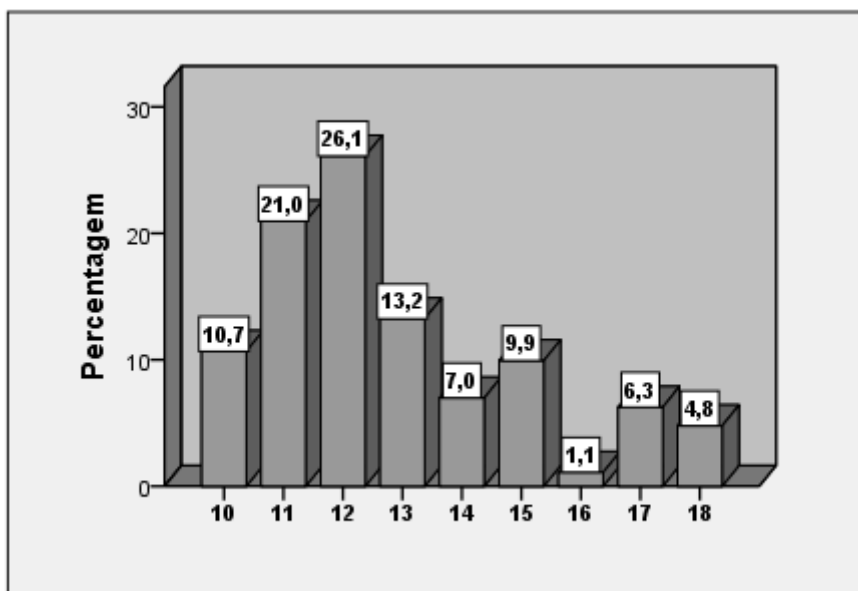


Figura 3.2. Diagrama de barras da idade dos participantes.

Na Figura 3.3, é possível observar-se que a grande maioria dos inquiridos (84,9%;  $n = 231$ ) nunca teve nenhuma retenção durante o percurso escolar, sendo que o maior número de retenções registado foi de três (unicamente um participante).

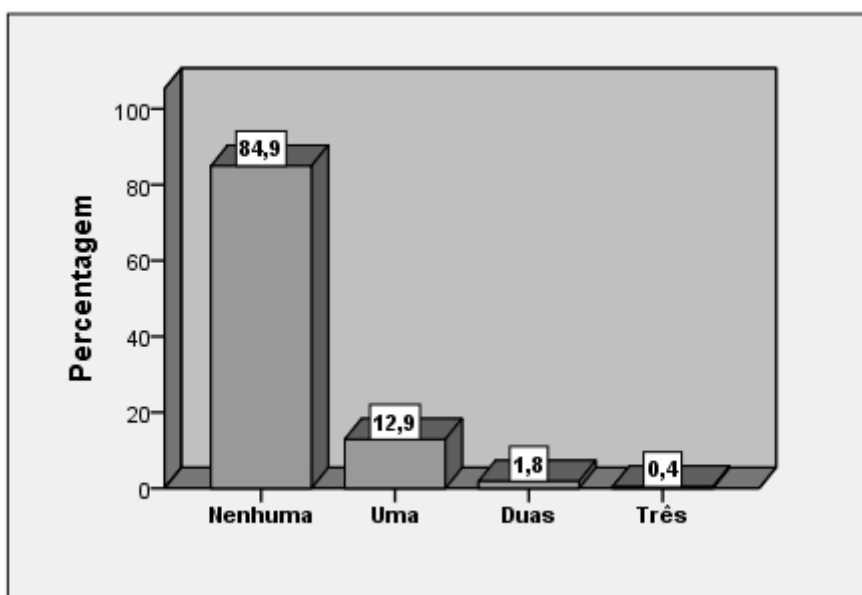


Figura 3.3. Diagrama de barras do número de reprovações.

Tal como se pode verificar na Figura 3.4, a maioria dos inquiridos (51,8%;  $n = 141$ ) tem um irmão, podendo este número variar entre nenhum e cinco.

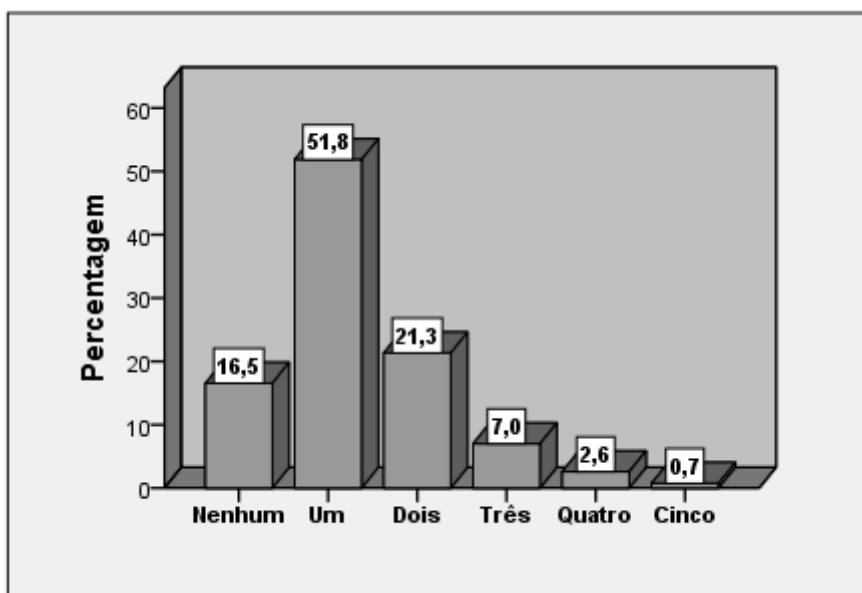


Figura 3.4. Diagrama de barras do número de irmãos.

Ao explorar algumas características sociodemográficas dos pais dos inquiridos (Tabela 1), verifica-se que: a maioria se encontra casada ou a viver em união de facto (73,9%;  $n = 195$ ); a maioria das mães e pais têm um grau de escolarização

compreendido entre o 2º Ciclo e Ensino Secundário (62,5%;  $n = 168$  e 54,4%;  $n = 143$  respetivamente); a maioria das mães e pais encontram-se a trabalhar (77,7%;  $n = 209$  e 92,4%;  $n = 203$  respetivamente), sendo que, em termos de tipologia da ocupação profissional, os pais tendem a estar mais representados do que as mães na categoria de trabalho semiqualificado (76,4%;  $n = 201$  e 42,2%;  $n = 113$  respetivamente).

Tabela 3.1  
*Caracterização Sociodemográfica dos Pais dos Participantes*

	<i>n</i>	%
<b>Situação Conjugal</b>		
Casados/união de facto	195	73,9
Divorciado/Separado	58	22,0
Viúvo	11	4,2
<b>Grau de Escolarização</b>		
Mãe		
Inferior ao 1º Ciclo	1	0,4
1º Ciclo	40	14,9
2º Ciclo a Ensino Secundário	168	62,5
Ensino Superior	60	22,3
Pai		
Inferior ao 1º Ciclo	1	0,4
1º Ciclo	68	25,9
2º Ciclo a Ensino Secundário	143	54,4
Ensino Superior	51	19,4
<b>Situação Profissional</b>		
Mãe		
Desempregada	59	21,9
Empregada	209	77,7
Reformada	1	0,4
Pai		
Desempregado	18	6,8
Empregado	243	92,4
Reformado	2	0,8
<b>Tipologia da Ocupação</b>		
Mãe		
Trabalho não qualificado	95	35,4
Trabalho semiqualificado	113	42,2
Trabalho qualificado	60	22,4
Pai		
Trabalho não qualificado	16	6,1
Trabalho semiqualificado	201	76,4
Trabalho qualificado	46	17,5

### 3.3. Instrumentos

Para a realização da investigação, foram aplicados no decorrer do processo os seguintes instrumentos de recolha de dados: *Questionário de dados sociodemográficos e familiares*, *Escala de Estilos de Socialización Parental en la Adolescencia* - ESPA29, *Questionário Health Behaviour Schooled Children*- HBSC e o Kidscreen- 52.

#### 3.3.1. Questionário de Dados Sociodemográficos

O *Questionário de Dados Socio Demográficos e Familiares*(Nunes, Lemos & Valadas, 2008) é um instrumento de autopreenchimento, composto por questões fechadas acerca de A) Dados de Identificação (e.g. data de nascimento, nacionalidade); B) Dados familiares (e.g. idade e habilitações dos pais); C) Dados Escolares (e.g. reprovações); D) Outros Dados (informação relativa a situações de emigração na família).

#### 3.3.2. Escala de Estilos de Socialización Parental en la Adolescencia- ESPA29

A *Escala de Socialização Parental na Adolescência* (ESPA29, Musitu&García, 2004a) é um instrumento que avalia os estilos de socialização utilizados pelos pais em diversos cenários representativos da cultura ocidental. Assim, o filho deverá pontuar numa escala de 1 a 4 pontos (em que 1 corresponde a nunca, 2 a algumas vezes, 3 a muitas vezes e 4 a sempre) o comportamento do seu pai e da sua mãe face a 29 situações significativas - 13 negativas (e.g. “se estrago ou parto alguma coisa da minha casa...”) e 16 positivas (e.g. “se respeito e cumpro os horários estabelecidos na minha casa...”). Posteriormente, esta pontuação resultará numa medida global para cada progenitor nas dimensões de Aceitação/Implicação (subescalas de afeto- grau em que o pai/mãe expressam carinho ao filho quando este se comporta corretamente; indiferença- grau em que o pai/mãe não reforçam os comportamentos corretos do filho, permanecendo inexpressivos e insensíveis; diálogo- grau em que o pai/mãe recorrem a uma comunicação bidirecional quando o comportamento do filho não se considera adequado; e displicência- grau em que o pai/mãe reconhecem os comportamentos não adequados do filho, mas não estabelecem de forma consciente e deliberada o diálogo ou a comunicação com este) e Coerção/Imposição (subescalas de coerção verbal- o grau em que o pai ou mãe repreendem e admoestam ou castigam o filho quando este se comporta de maneira incorreta; coerção física- grau em que o pai/mãe recorrem ao

castigo físico, atingindo o filho com a mão ou qualquer objeto, quando este se comporta de maneira incorreta; e privação- grau em que pai/mãe usam o procedimento de retirar ao filho um objeto ou de o privar de uma vivência gratificante, para corrigir comportamentos inadequados.).

Tendo por base as pontuações obtidas em cada dimensão, encontrar-se-á então o estilo de socialização do pai e da mãe, podendo este ser: Autoritarivo, Indulgente, Autoritário ou Negligente. Esta escala pode ser administrada individual ou coletivamente, sendo dirigida para adolescentes com idades compreendidas entre os 10 e os 18 anos, escolarizados no momento da sua aplicação, que demora aproximadamente 20 minutos, incluindo a sua correção. Contudo, embora seja possível administrá-la a alunos com 10 e 11 anos, a sua aplicação coletiva pode ser dificultada devido a problemas de compreensão.

### **3.3.3. Questionário Health Behaviour Schooled Children –HBSC**

O *Questionário Health Behaviour Schooled Children –HBSC* trata-se de um instrumento de autopreenchimento, constituído por questões de resposta fechada acerca de diversos comportamentos e hábitos do quotidiano e de saúde, nomeadamente, 1) Hábitos Alimentares; 2) Imagem do Corpo; 3) Prática de Atividade Física e Tempos Livres; 4)Uso de Substâncias, 5) Relações de Amizade e Grupo de Pares, 6) Ambiente Escolar, 7)Saúde Positiva e 8) Comportamentos Sexuais. Para a presente investigação destaca-se a informação acerca do uso de substâncias e das relações de amizade e grupo de pares.

### **3.3.4. Kidscreen- 52**

O Questionário Kidscreen -52 é um instrumento de medida que avalia a qualidade de Vida em crianças e adolescentes com idades compreendidas entre os 8 e os 18 anos, quer sejam saudáveis ou portadores de doença crónica.

Para o efeito, recorre a escalas likert de modo a medir 10 dimensões de qualidade de vida relacionada com a saúde: Bem-estar físico, Bem-estar psicológico, Estado de Ânimo, Auto percepção, Autonomia, Relação com os pais e vida familiar, Amigos e apoio social, Ambiente escolar, Aceitação social (Bullying) e Recursos económicos.

A aplicação deste instrumento pode ser executada durante cerca de 20 minutos, tanto em contexto hospitalar, como escolar (Kidscreengroup, 2004).

### **3.4. Procedimentos**

#### **3.4.1. Procedimentos de Recolha de Dados**

A etapa de recolha de dados teve início com a obtenção das autorizações necessárias à aplicação dos instrumentos, autorizações cedidas pela Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular e dos Conselhos Executivos das escolas. Posteriormente foram também adquiridos os consentimentos informados dos participantes e dos pais. Os questionários foram aplicados na presença do investigador, ao coletivo, e em contexto de sala de aula. Em média, o seu preenchimento teve uma duração de cerca de 30 minutos.

#### **3.4.2. Procedimentos de Análise e Tratamento de Dados**

A análise e o tratamento estatístico dos dados recolhidos foram realizados com a versão 21 do *Statistical Package for the Social Sciences- SPSS*. Para o efeito, foi utilizado um nível de significância de 5%, e aplicados os seguintes procedimentos: medidas descritivas, para a caracterização dos dados recolhidos (médias, desvios-padrão, frequências, valores máximos e mínimos); testes t para amostras independentes e dependentes, sempre que se pretendeu comparar médias entre dois grupos independentes ou dependentes; análises de variância multivariada (Manova's), sempre que se pretendeu averiguar, em simultâneo, se a tendência central de duas variáveis quantitativas diferia entre dois grupos independentes; Testes de Mann-Whitney e Kruskal-Wallis, quando, respetivamente se pretendeu comparar a tendência central de uma variável ordinal entre dois ou mais grupos independentes; Testes de Friedman e de Wilcoxon, quando, respetivamente se pretendeu comparar a tendência central de uma variável ordinal entre dois ou mais grupos dependentes; testes Qui-Quadrado de independência, quando o objetivo foi averiguar a independência de duas variáveis nominais e; coeficientes de correlação de Spearman, quando se quis averiguar a existência de associações entre variáveis intervalares e ordinais (Pestana & Gageiro, 2003).

## Capítulo IV – Resultados

Uma vez exposta a metodologia utilizada neste estudo, segue-se, neste capítulo, uma apresentação dos resultados obtidos. Assim, em primeiro lugar, analisamos os dados relativos aos hábitos de consumo de bebidas alcoólicas, seguido da percepção dos estilos parentais, e por fim, os dados relativos à associação entre o consumo de álcool e os estilos parentais.

### 4.1 – Hábitos de Consumo de Bebidas Alcoólicas

Tal como se pode observar na Figura 4.1, a maioria dos inquiridos mencionou nunca consumir cerveja (75,4%;  $n = 205$ ), sendo que unicamente um jovem mencionou fazê-lo diariamente (0,4%).

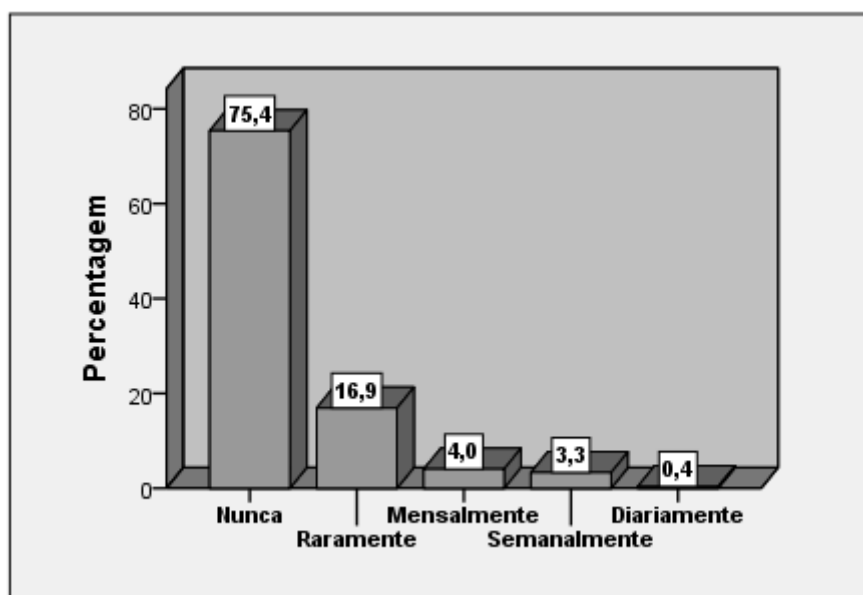


Figura 4.1. Diagrama de barras da frequência do consumo de cerveja.

Por sua vez, na Figura 4.2, é possível comprovar-se que quando se analisam os hábitos de consumo de vinho, a percentagem de inquiridos que referiu nunca consumir tal bebida é maior do que relativamente à cerveja (84,1%;  $n = 228$ ); realça-se ainda que neste caso não existe nenhum inquirido a mencionar consumir diariamente esta bebida alcoólica.

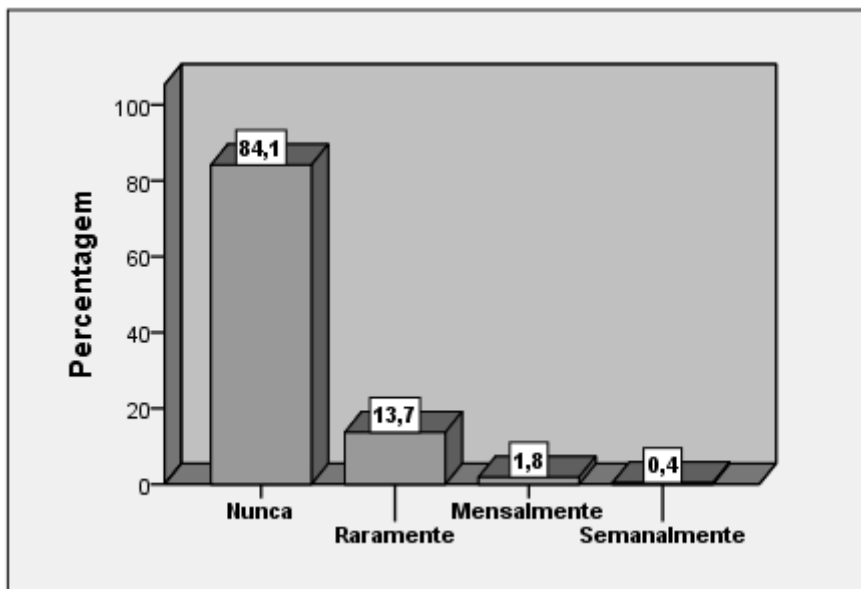


Figura 4.2. Diagrama de barras da frequência do consumo de vinho.

Relativamente ao consumo de bebidas destiladas, a percentagem de participantes que referiu nunca consumir estas bebidas é um pouco menor do que nas restantes (72,7%;  $n = 197$ ), havendo também neste caso um inquirido a mencionar fazer um consumo diário desta substância. Por fim, realça-se que se pôde concluir que a frequência dos consumos de vinho são significativamente inferiores aos de cerveja ( $Z = -4,20$ ;  $p = ,000$ ) e bebidas destiladas ( $Z = -4,58$ ;  $p = ,000$ ).

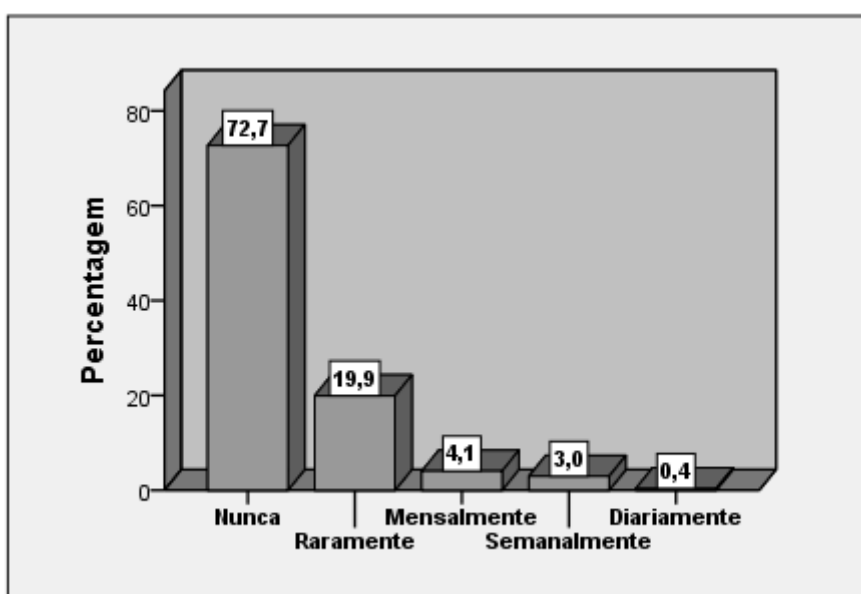


Figura 4.3. Diagrama de barras da frequência do consumo de bebidas destiladas.

Na Figura 4.4, verifica-se que a grande maioria dos inquiridos mencionou nunca se ter embriagado (80,4%;  $n = 218$ ). Considerando que 177 inquiridos (65,6%) disse

não consumir bebidas alcoólicas, conclui-se que aproximadamente metade dos que as consomem (44%;  $n = 41$ ) nunca se embriagaram.

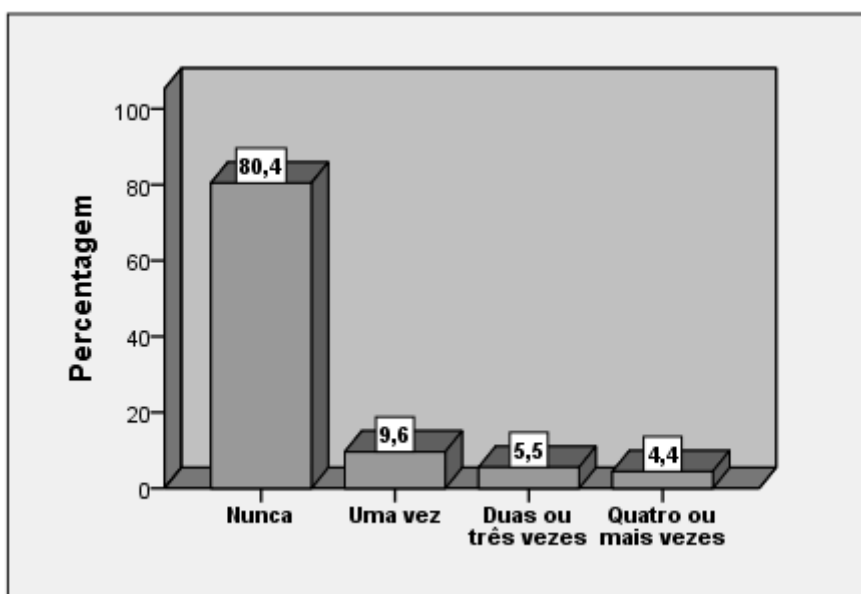


Figura 4.4. Diagrama de barras da frequência de estados de embriaguez.

Ao analisar-se a frequência dos consumos de bebidas alcoólicas consoante o sexo dos inquiridos (Tabela 4.1), verifica-se que, de uma maneira geral, os rapazes tendem a consumir com mais frequência esse tipo de bebidas. Não obstante, apenas a tendência central do consumo de cerveja dos rapazes (Média das Ordens = 147,55) se revelou significativamente maior ( $U = 7695,0$ ;  $p = ,011$ ) do que o das raparigas (Média das Ordens = 129,0).

Tabela 4.1

*Hábitos de Consumo de Bebidas Alcoólicas por Sexo*

	Sexo	<i>n</i>	Média	Média das Ordens	<i>U</i>	<i>p</i>
<b>Frequência do consumo de cerveja</b>	Feminino	162	0,29	129,00	7695,0	,011
	Masculino	110	0,47	147,55		
<b>Frequência do consumo de vinho</b>	Feminino	162	0,15	131,27	8062,0	,056
	Masculino	109	0,24	143,04		
<b>Frequência do consumo de bebidas de destiladas</b>	Feminino	161	0,38	134,54	8620,5	,635
	Masculino	110	0,39	138,13		
<b>Frequência do consumo de álcool</b>	Feminino	161	0,82	129,47	7803,5	,068
	Masculino	109	1,08	144,41		
<b>Frequência da</b>	Feminino	161	0,32	135,91	8840,0	,973

<b>embriaguez</b>	Masculino	110	0,37	136,14
-------------------	-----------	-----	------	--------

Por outro lado, quando se analisa a frequência dos consumos de bebidas alcoólicas consoante o escalão etário dos inquiridos (Tabela 4.2), verifica-se que o consumo de qualquer bebida alcoólica, assim como, a frequência dos episódios de embriaguez, são significativamente superiores nos inquiridos mais velhos, isto é, com idades compreendidas entre os 15 e 18 anos.

Tabela 4.2

*Hábitos de Consumo de Bebidas Alcoólicas por Escalão Etário*

	Escalão Etário	<i>n</i>	Média	Média das Ordens	<i>U</i>	<i>p</i>
<b>Frequência do consumo de cerveja</b>	10 -14 anos	212	0,25	126,92	4328,5	,000
	15-18 anos	60	0,78	170,36		
<b>Frequência do consumo de vinho</b>	10 -14 anos	211	0,12	128,61	4771,5	,000
	15-18 anos	60	0,42	161,98		
<b>Frequência do consumo de bebidas de destiladas</b>	10 -14 anos	211	0,23	123,72	3738,5	,000
	15-18 anos	60	0,92	179,19		
<b>Frequência do consumo de álcool</b>	10 -14 anos	210	0,59	122,03	3470,5	,000
	15-18 anos	60	2,12	182,66		
<b>Frequência da embriaguez</b>	10 -14 anos	211	0,18	125,05	4020,5	,000
	15-18 anos	60	0,92	174,49		

### 3.2 – Perceção dos Estilos Parentais

Na Tabela 4.3, é possível observar-se algumas medidas descritivas das dimensões e subescalas do ESPA 29, sendo que se destaca que dentro da dimensão Aceitação/Implicação as subescalas relativas ao Afeto e Displícência são, respetivamente, as que apresentam as maiores e menores médias, tanto nos pais ( $M = 2,87$ ;  $DP = 0,82$  e  $M = 1,54$ ;  $DP = 0,60$  respetivamente) como nas mães ( $M = 3,06$ ;  $DP = 0,76$  e  $M = 1,45$ ;  $DP = 0,53$  respetivamente). Ao fazer-se o mesmo tipo de análise para a dimensão Coerção/Imposição, conclui-se que as subescalas relativas à Coerção Verbal e Coerção Física são, respetivamente, as que apresentam maiores e menores médias, tanto nos pais ( $M = 1,68$ ;  $DP = 0,58$  e  $M = 1,14$ ;  $DP = 0,26$  respetivamente) como nas mães ( $M = 1,74$ ;  $DP = 0,64$  e  $M = 1,14$ ;  $DP = 0,26$  respetivamente).

Por fim, destaca-se que foram observadas diferenças muito significativas relativamente à média das percepções dos inquiridos na dimensão de Aceitação/Implicação - assim como nas quatro subescalas que a compõem -, entre pais e mães, isto é, as mães são percecionadas pelos seus filhos como tendo maiores níveis de aceitação e envolvimento. Na dimensão relativa à Coerção/Imposição também se observaram percepções significativamente diferentes relativamente aos pais e mães, no entanto, estas são menos expressivas. Deste modo, verificou-se que as mães tendem a ser percecionadas como aquelas que exercem um maior nível de coerção e imposição. É ainda de salientar que em termos de Coerção Física não se encontraram quaisquer diferenças significativas nas percepções relativas aos pais e mães.

Tabela 4.3  
*Escala de Socialização Parental na Adolescência - ESPA 29*

		Média	Desvio Padrão	t	p
<b>Aceitação/Implicação</b>	Pai	3,05	,54	-6,43	,000
	Mãe	3,19	,47		
<b>Afeto</b>	Pai	2,87	,82	-5,78	,000
	Mãe	3,06	,76		
<b>Diálogo</b>	Pai	2,57	,72	-5,35	,000
	Mãe	2,75	,69		
<b>Indiferença</b>	Pai	1,72	,70	4,44	,000
	Mãe	1,60	,62		
<b>Displicência</b>	Pai	1,54	,60	3,39	,001
	Mãe	1,45	,53		
<b>Coerção/Imposição</b>	Pai	1,46	,36	-2,25	,025
	Mãe	1,50	,38		
<b>Coerção Verbal</b>	Pai	1,68	,58	-2,23	,026
	Mãe	1,74	,64		
<b>Coerção Física</b>	Pai	1,14	,26	-0,10	,922
	Mãe	1,14	,26		
<b>Privação</b>	Pai	1,57	,50	-2,04	,042
	Mãe	1,62	,53		

Na figura 4.5 observa-se que as mães são percecionadas como sendo ligeiramente mais autoritárias (26,0%;  $n = 70$ ) e indulgentes (29,4%;  $n = 79$ ) do que os pais (20,8%;  $n = 54$  e 28,2%;  $n = 73$  respetivamente); enquanto os pais são vistos como sendo um pouco mais negligentes (27,8%;  $n = 72$ ) e firmes (23,2%;  $n = 60$ ) do que as

mães (25,3%;  $n = 68$  e 19,3%;  $n = 52$  respetivamente). Todavia, estas diferenças não se revelaram estatisticamente significativas ( $\chi^2 = 0,42$ ;  $gl = 3$ ;  $p = ,424$ ).

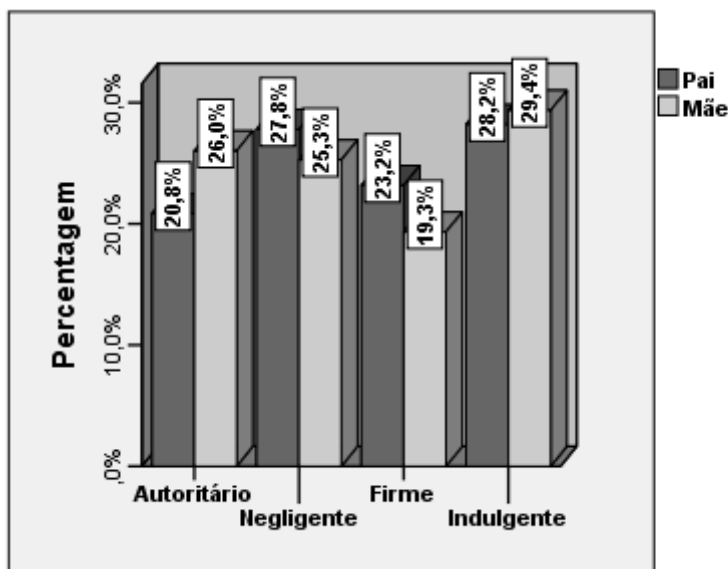


Figura 4.5. Diagrama de barras do estilo parental dos pais e mães.

Na Figura 4.6, verifica-se que a média percentílica da perceção da dimensão Aceitação/Implicação nos pais ( $M = 50,36$ ;  $DP = 27,91$ ) é ligeiramente inferior à das mães ( $M = 51,13$ ;  $DP = 27,76$ ), sendo que tal diferença não se revelou significativa do ponto de vista estatístico ( $t_{255} = -0,63$ ;  $p = ,531$ ). No que concerne à perceção da dimensão Coerção/Imposição, a média percentílica dos pais ( $M = 46,15$ ;  $DP = 28,86$ ) também se revelou um pouco inferior à das mães ( $M = 46,48$ ;  $DP = 27,31$ ), mas uma vez mais as diferenças não se revelaram significativas ( $t_{255} = -0,28$ ;  $p = ,780$ ).

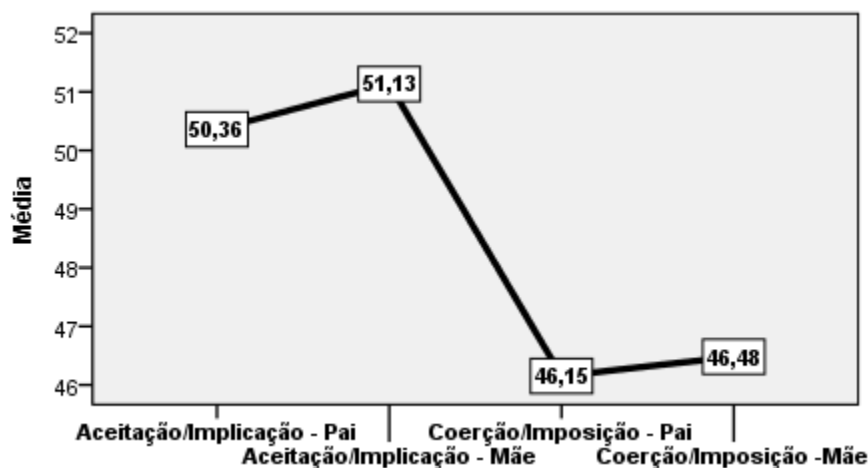


Figura 4.6. Diagrama de linha do percentil médio da Aceitação/Implicação e Coerção/Imposição.

Ao analisar-se a tendência central das variáveis extraídas do ESPA 29, tendo em conta o sexo dos inquiridos (Tabela 4.4), observam-se várias diferenças estatisticamente significativas, destacando-se as seguintes:

- Nos participantes femininos, a média da percepção da Aceitação/Implicação das mães ( $M = 3,22$ ;  $DP = 0,48$ ) é significativamente superior à dos masculinos ( $M = 3,10$ ;  $DP = 0,48$ );
- Nos participantes femininos, a média da percepção de Afeto dos pais ( $M = 2,97$ ;  $DP = 0,80$ ) é significativamente superior à dos masculinos ( $M = 2,74$ ;  $DP = 0,83$ );
- Nos participantes femininos, a média da percepção de Diálogo das mães ( $M = 2,81$ ;  $DP = 0,70$ ) é significativamente superior à dos masculinos ( $M = 2,63$ ;  $DP = 0,66$ );
- Nos participantes femininos, a média da percepção de Coerção/Imposição dos pais ( $M = 1,40$ ;  $DP = 0,33$ ) é significativamente inferior à dos masculinos ( $M = 1,56$ ;  $DP = 0,40$ );
- Nos participantes femininos, a média da percepção de Coerção/Imposição das mães ( $M = 1,42$ ;  $DP = 0,34$ ) é significativamente inferior à dos masculinos ( $M = 1,60$ ;  $DP = 0,40$ );
- Nos participantes femininos, a média da percepção de Coerção Verbal dos pais ( $M = 1,60$ ;  $DP = 0,54$ ) é significativamente inferior à dos masculinos ( $M = 1,81$ ;  $DP = 0,65$ );
- Nos participantes femininos, a média da percepção de Coerção Verbal das mães ( $M = 1,63$ ;  $DP = 0,59$ ) é significativamente inferior à dos masculinos ( $M = 1,86$ ;  $DP = 0,68$ );
- Nos participantes femininos, a média da percepção de Coerção Física dos pais ( $M = 1,11$ ;  $DP = 0,21$ ) é significativamente inferior à dos masculinos ( $M = 1,19$ ;  $DP = 0,31$ );
- Nos participantes femininos, a média da percepção de Coerção Física das mães ( $M = 1,10$ ;  $DP = 0,19$ ) é significativamente inferior à dos masculinos ( $M = 1,20$ ;  $DP = 0,32$ );

- Nos participantes femininos, a média da percepção de Privação dos pais ( $M = 1,50$ ;  $DP = 0,46$ ) é significativamente inferior à dos masculinos ( $M = 1,69$ ;  $DP = 0,55$ );
- Nos participantes femininos, a média da percepção de Privação das mães ( $M = 1,53$ ;  $DP = 0,48$ ) é significativamente inferior à dos masculinos ( $M = 1,73$ ;  $DP = 0,56$ ).

Tabela 4.4

*Escala de Socialização Parental na Adolescência - ESPA 29 por Sexo dos Participantes*

	Sexo	<i>n</i>	Média	Desvio Padrão	<i>t</i>	<i>p</i>
<b>Aceitação/Implicação - Pai</b>	Feminino	154	3,10	,53	1,84	,066
	Masculino	105	2,97	,54		
<b>Aceitação/Implicação - Mãe</b>	Feminino	161	3,22	,48	2,09	,037
	Masculino	108	3,10	,48		
<b>Afeto - Pai</b>	Feminino	154	2,97	,80	2,29	,023
	Masculino	105	2,74	,83		
<b>Afeto - Mãe</b>	Feminino	161	3,12	,77	1,71	,088
	Masculino	108	2,96	,75		
<b>Diálogo - Pai</b>	Feminino	154	2,63	,71	1,42	,158
	Masculino	105	2,50	,75		
<b>Diálogo - Mãe</b>	Feminino	161	2,81	,70	2,03	,044
	Masculino	108	2,63	,66		
<b>Indiferença - Pai</b>	Feminino	154	1,67	,67	-1,43	,154
	Masculino	105	1,79	,74		
<b>Indiferença - Mãe</b>	Feminino	161	1,58	,64	-1,03	,306
	Masculino	108	1,66	,62		
<b>Displicência - Pai</b>	Feminino	154	1,55	,63	-,08	,939
	Masculino	105	1,55	,59		
<b>Displicência - Mãe</b>	Feminino	161	1,45	,57	-1,17	,241
	Masculino	108	1,53	,53		
<b>Coerção/Imposição - Pai</b>	Feminino	154	1,40	,33	-3,55	,000
	Masculino	105	1,56	,40		
<b>Coerção/Imposição - Mãe</b>	Feminino	161	1,42	,34	-3,88	,000
	Masculino	108	1,60	,40		
<b>Coerção Verbal - Pai</b>	Feminino	154	1,60	,54	-2,81	,005
	Masculino	105	1,81	,65		
<b>Coerção Verbal - Mãe</b>	Feminino	161	1,63	,59	-2,83	,005
	Masculino	108	1,86	,68		
<b>Coerção Física - Pai</b>	Feminino	154	1,11	,21	-2,44	,016

	Masculino	105	1,19	,31		
<b>Coerção Física - Mãe</b>	Feminino	161	1,10	,19	-2,96	,004
	Masculino	108	1,20	,32		
<b>Privação - Pai</b>	Feminino	154	1,50	,46	-2,85	,005
	Masculino	105	1,69	,55		
<b>Privação - Mãe</b>	Feminino	161	1,53	,48	-3,16	,002
	Masculino	108	1,73	,56		
<b>Aceitação/Implicação - Pai (percentil)</b>	Feminino	154	51,19	27,83	,47	,639
	Masculino	105	49,52	28,20		
<b>Coerção/Imposição - Pai (percentil)</b>	Feminino	154	46,73	27,27	,29	,768
	Masculino	105	45,71	26,97		
<b>Aceitação/Implicação - Mãe (percentil)</b>	Feminino	161	50,00	28,05	-,28	,779
	Masculino	108	50,98	28,06		
<b>Coerção/Imposição -Mãe (percentil)</b>	Feminino	161	45,80	27,72	-,05	,960
	Masculino	108	45,97	26,60		

Na Tabela 4.5, verifica-se que quando se compara a tendência central das variáveis extraídas do ESPA 29, considerando o escalão etário dos inquiridos, verificam-se também várias diferenças estatisticamente significativas:

- Nos inquiridos mais jovens (10 a 14 anos), a média da perceção da Aceitação/Implicação dos pais ( $M = 3,12$ ;  $DP = 0,47$ ) é significativamente superior à daqueles que têm idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos ( $M = 2,79$ ;  $DP = 0,66$ );
- Nos inquiridos mais jovens (10 a 14 anos), a média da perceção da Aceitação/Implicação das mães ( $M = 3,21$ ;  $DP = 0,46$ ) é significativamente superior à dos que têm entre 15 a 18 anos ( $M = 3,03$ ;  $DP = 0,53$ );
- Nos inquiridos mais jovens, a média da perceção de Afeto dos pais ( $M = 3,00$ ;  $DP = 0,75$ ) é significativamente superior à dos mais velhos ( $M = 2,45$ ;  $DP = 0,91$ );
- Nos inquiridos mais jovens, a média da perceção de Afeto das mães ( $M = 3,13$ ;  $DP = 0,74$ ) é significativamente superior à dos mais velhos ( $M = 2,78$ ;  $DP = 0,80$ );
- Nos inquiridos mais jovens, a média da perceção de Diálogo dos pais ( $M = 2,63$ ;  $DP = 0,69$ ) é significativamente superior à dos mais velhos ( $M = 2,40$ ;  $DP = 0,82$ );

- Nos inquiridos mais jovens, a média da percepção de Indiferenças dos pais ( $M = 1,64$ ;  $DP = 0,65$ ) é significativamente inferior à dos mais velhos ( $M = 2,00$ ;  $DP = 0,80$ );
- Nos inquiridos mais jovens, a média da percepção de Indiferenças das mães ( $M = 1,55$ ;  $DP = 0,61$ ) é significativamente inferior à dos mais velhos ( $M = 1,84$ ;  $DP = 0,67$ );
- Nos inquiridos mais jovens, a média da percepção de Coerção Física dos pais ( $M = 1,16$ ;  $DP = 0,28$ ) é significativamente superior à dos mais velhos ( $M = 1,09$ ;  $DP = 0,18$ );
- Nos inquiridos mais jovens, a média da percepção de Coerção Física das mães ( $M = 1,16$ ;  $DP = 0,28$ ) é significativamente superior à dos mais velhos ( $M = 1,06$ ;  $DP = 0,14$ );
- Nos inquiridos mais jovens, a média da percepção de Privação dos pais ( $M = 1,62$ ;  $DP = 0,50$ ) é significativamente superior à dos mais velhos ( $M = 1,44$ ;  $DP = 0,49$ );
- Nos inquiridos mais jovens, a média da percepção de Privação das mães ( $M = 1,64$ ;  $DP = 0,52$ ) é significativamente superior à dos mais velhos ( $M = 1,48$ ;  $DP = 0,52$ ).

Tabela 4.5

*Escala de Socialização Parental na Adolescência - ESPA 29 por Escalão Etário dos Participantes*

	Escalão Etário	<i>n</i>	Média	Desvio Padrão	<i>t</i>	<i>p</i>
<b>Aceitação/Implicação - Pai</b>	10 – 14 anos	202	3,12	,47	3,57	,001
	10 – 18 anos	57	2,79	,66		
<b>Aceitação/Implicação - Mãe</b>	10 – 14 anos	211	3,21	,46	2,61	,010
	10 – 18 anos	58	3,03	,53		
<b>Afeto - Pai</b>	10 – 14 anos	202	3,00	,75	4,20	,000
	10 – 18 anos	57	2,45	,91		
<b>Afeto - Mãe</b>	10 – 14 anos	211	3,13	,74	3,15	,002
	10 – 18 anos	58	2,78	,80		
<b>Diálogo - Pai</b>	10 – 14 anos	202	2,63	,69	2,09	,037
	10 – 18 anos	57	2,40	,82		
<b>Diálogo - Mãe</b>	10 – 14 anos	211	2,75	,68	,40	,687
	10 – 18 anos	58	2,71	,71		
<b>Indiferença - Pai</b>	10 – 14 anos	202	1,64	,65	-3,53	,000

	10 – 18 anos	57	2,00	,80		
<b>Indiferença - Mãe</b>	10 – 14 anos	211	1,55	,61	-3,13	,002
	10 – 18 anos	58	1,84	,67		
<b>Displícência - Pai</b>	10 – 14 anos	202	1,51	,56	-1,84	,070
	10 – 18 anos	57	1,70	,75		
<b>Displícência - Mãe</b>	10 – 14 anos	211	1,47	,56	-,64	,525
	10 – 18 anos	58	1,52	,54		
<b>Coerção/Imposição - Pai</b>	10 – 14 anos	202	1,48	,37	,72	,472
	10 – 18 anos	57	1,44	,36		
<b>Coerção/Imposição - Mãe</b>	10 – 14 anos	211	1,50	,38	1,02	,309
	10 – 18 anos	58	1,45	,35		
<b>Coerção Verbal - Pai</b>	10 – 14 anos	202	1,66	,57	-1,45	,148
	10 – 18 anos	57	1,79	,67		
<b>Coerção Verbal - Mãe</b>	10 – 14 anos	211	1,70	,62	-,97	,334
	10 – 18 anos	58	1,80	,69		
<b>Coerção Física - Pai</b>	10 – 14 anos	202	1,16	,28	2,26	,025
	10 – 18 anos	57	1,09	,18		
<b>Coerção Física - Mãe</b>	10 – 14 anos	211	1,16	,28	3,72	,000
	10 – 18 anos	58	1,06	,14		
<b>Privação - Pai</b>	10 – 14 anos	202	1,62	,50	2,41	,017
	10 – 18 anos	57	1,44	,49		
<b>Privação - Mãe</b>	10 – 14 anos	211	1,64	,52	2,12	,035
	10 – 18 anos	58	1,48	,52		
<b>Aceitação/Implicação - Pai (percentil)</b>	10 – 14 anos	202	51,41	27,21	,97	,331
	10 – 18 anos	57	47,33	30,41		
<b>Coerção/Imposição - Pai (percentil)</b>	10 – 14 anos	202	45,33	26,05	-1,11	,269
	10 – 18 anos	57	49,82	30,52		
<b>Aceitação/Implicação - Mãe (percentil)</b>	10 – 14 anos	211	51,20	27,64	,90	,367
	10 – 18 anos	58	47,45	29,37		
<b>Coerção/Imposição -Mãe (percentil)</b>	10 – 14 anos	211	45,05	26,68	-,94	,346
	10 – 18 anos	58	48,86	29,18		

### 3.2 – Percepção dos Estilos Parentais e Consumo de Bebidas Alcoólicas

Ao serem exploradas as possíveis associações entre a frequência do consumo de álcool e as variáveis resultantes do ESPA 29 (Tabela 4.6), pôde concluir-se que a dimensão Aceitação/Implicação, assim como, a maioria das subescalas dessa dimensão (com exceção do Diálogo nos pais) se encontram significativamente correlacionadas com a frequência do consumo de bebidas alcoólicas. Deste modo, embora se possa, de uma maneira geral, concluir que uma maior Aceitação/Implicação dos pais e mães

esteja negativamente correlacionada com a frequência do consumo de bebidas alcoólicas ( $rho = -.25$  e  $rho = -.20$  respetivamente), ou seja, uma maior aceitação e implicação poderá contribuir para consumos menores, a magnitude de tal efeito é fraca. Na mesma tabela, pode ainda observar-se que tanto a dimensão de Coerção/Imposição como as respetivas subescalas não apresentam quaisquer correlações significativas com a frequência do consumo de bebidas alcoólicas.

Tabela 4.6

*Correlações de Spearman: Consumo de Bebidas Alcoólicas e Escala de Socialização Parental na Adolescência - ESPA 29*

			Frequência do consumo de álcool
<b>Aceitação/Implicação</b>	Pais	$rho$	-,25**
	Mães	$rho$	-,20**
<b>Afeto</b>	Pais	$rho$	-,22**
	Mães	$rho$	-,18**
<b>Diálogo</b>	Pais	$rho$	-,16*
	Mães	$rho$	-,10
<b>Indiferença</b>	Pais	$rho$	,24**
	Mães	$rho$	,25**
<b>Displicência</b>	Pais	$rho$	,17**
	Mães	$rho$	,15*
<b>Coerção/Imposição</b>	Pais	$rho$	,06
	Mães	$rho$	,09
<b>Coerção Verbal</b>	Pais	$rho$	,12
	Mães	$rho$	,11
<b>Coerção Física</b>	Pais	$rho$	,02
	Mães	$rho$	-,05
<b>Privação</b>	Pais	$rho$	-,04
	Mães	$rho$	,03
<b>Aceitação/Implicação (percentil)</b>	Pais	$rho$	-,19**
	Mães	$rho$	-,15*
<b>Coerção/Imposição (percentil)</b>	Pais	$rho$	,08
	Mães	$rho$	,10

\*  $p \leq ,05$ ; \*\*  $p \leq ,01$

Na Tabela 4.7 podemos verificar que a estatística multivariada de Wilk's, nos permitiu observar um efeito relativo às práticas parentais dos pais ( $\Lambda = 0,93$ ;  $F_{2,256} = 10,23$ ;  $p = ,000$ ) e das mães ( $\Lambda = 0,96$ ;  $F_{2,256} = 6,21$ ;  $p = ,002$ ) no consumo de álcool dos

seus filhos. Não obstante, as magnitudes observadas são relativamente modestas ( $\eta^2 = ,074$  e  $\eta^2 = ,045$ ). A realização de análises de variância univariada permitiu ainda concluir que a percepção de Coerção/Imposição relativamente aos pais ( $F_{1,257} = 0,30$ ;  $p = ,582$ ) e às mães ( $F_{1,267} = 0,82$ ;  $p = ,366$ ) não parece ter qualquer relação significativa com o facto de os participantes consumirem ou não bebidas alcoólicas. Em suma, os dados sugerem que a percepção de maiores níveis de aceitação/implicação por parte dos adolescentes relativamente a ambos os pais poderá assumir um carácter preventivo que respeita ao consumo de bebidas alcoólicas.

Tabela 4.7

*Análises de Variância Multivariada (Manova's): Consumo de Bebidas Alcoólicas e Práticas Parentais de Pais e Mães*

	Consumo de álcool	Média	Desvio Padrão	gl	F	p	$\eta^2$
<b>Práticas Parentais dos Pais</b>							
Aceitação/Implicação	Não	3,15	0,47	2/256	10,23	,000	,074
	Sim	2,85	0,59				
Coerção/Imposição	Não	1,46	0,38				
	Sim	1,49	0,36				
<b>Práticas Parentais das Mães</b>							
Aceitação/Implicação	Não	3,25	0,45	2/266	6,21	,002	,045
	Sim	3,04	0,51				
Coerção/Imposição	Não	1,48	0,38				
	Sim	1,52	0,37				

Na Figura 4.7 é possível verificar que a média da frequência do consumo de bebidas alcoólicas mais elevada é encontrada no grupo de pais com um estilo parental autoritário ( $M = 1,19$ ;  $DP = 1,64$ ), sendo a média menor encontrada nos pais indulgentes ( $M = 0,60$ ;  $DP = 1,45$ ). As diferenças no que respeita à frequência dos consumos de bebidas alcoólicas, tendo em conta o estilo parental dos pais, revelaram-se estatisticamente significativas ( $H = 9,56$ ;  $gl = 3$ ;  $p = ,023$ ), sendo que se concluiu que a tendência central dos consumos de bebidas alcoólicas no grupo de pais indulgentes é significativamente inferior aos dos pais negligentes ( $p = ,006$ ) e autoritários ( $p = ,009$ ).

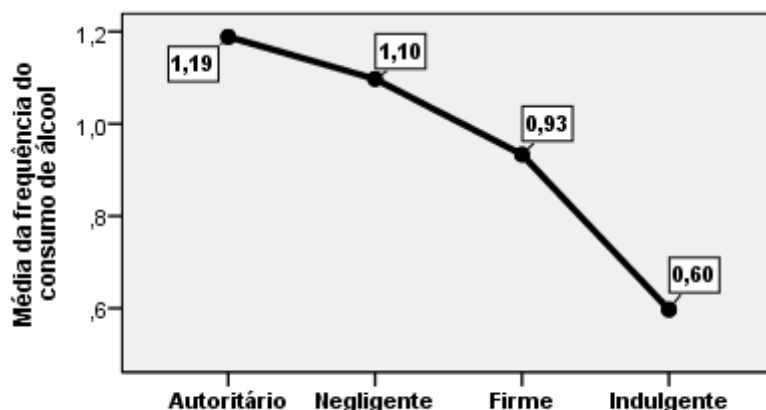


Figura 4.7. Diagrama de linha da média da frequência do consumo de bebidas alcoólicas por estilo parental dos pais.

Por sua vez, na Figura 4.8 é possível verificar que a média da frequência do consumo de bebidas alcoólicas mais elevada é encontrada no grupo de mães com um estilo parental autoritário ( $M = 1,19$ ;  $DP = 1,81$ ), sendo a média menor encontrada nas mães indulgentes ( $M = 0,73$ ;  $DP = 1,67$ ). Ao contrário do que aconteceu relativamente aos estilos parentais dos pais, neste caso, as diferenças quanto à frequência dos consumos de bebidas alcoólicas não se revelaram estatisticamente significativas ( $H = 5,19$ ;  $gl = 3$ ;  $p = ,158$ ).

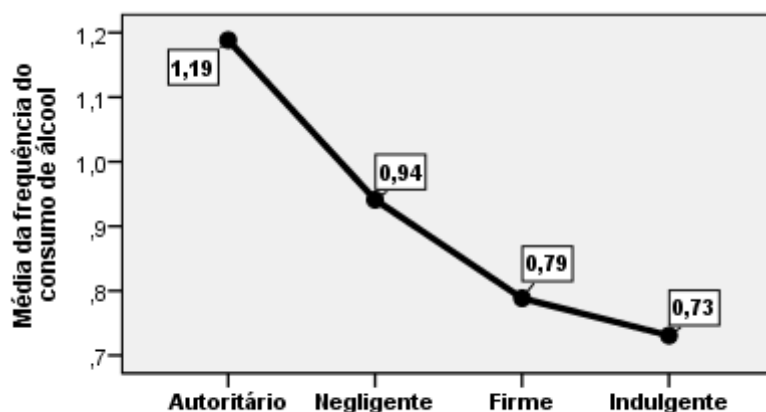


Figura 4.8. Diagrama de linha da média da frequência do consumo de bebidas alcoólicas por estilo parental das mães.

A Figura 4.9 parece sugerir que o facto dos inquiridos já se terem ou não embriagado não parece estar dependente da percepção dos estilos parentais dos pais, sendo que tal facto é confirmado pela estatística de Qui-Quadrado ( $\chi^2 = 0,41$ ;  $gl = 3$ ;  $p =$

,938), que permite concluir, em definitivo, que tais variáveis são independentes no presente estudo.

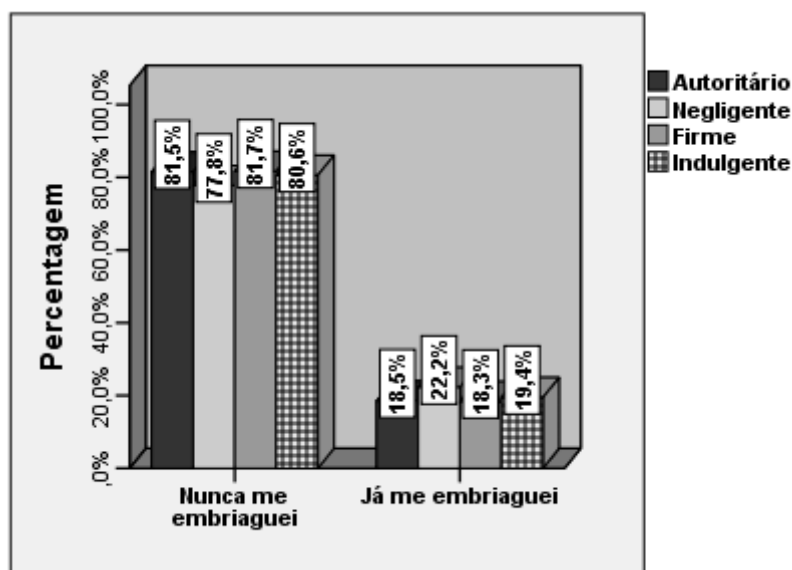


Figura 4.9. Diagrama de barras da experiência de embriaguez por estilo parental dos pais.

Por fim, embora na Figura 4.10, se possa observar uma maior tendência para os inquiridos que percecionam as suas mães como autoritárias, terem uma maior probabilidade de já se terem embriagado (27,1%;  $n = 19$ ), a tendência observada não se revelou estatisticamente significativa ( $\chi^2 = 4,1$ ;  $gl = 3$ ;  $p = ,251$ ).

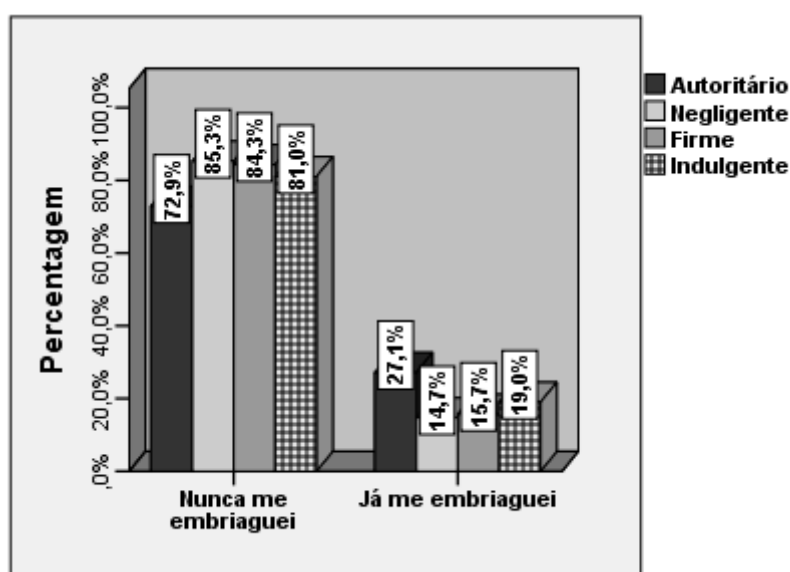


Figura 4.10. Diagrama de barras da experiência de embriaguez por estilo parental das mães.

## Capítulo V – Discussão

No presente estudo procurámos investigar se os estilos parentais exercem influência no consumo de álcool durante a adolescência, numa amostra com jovens algarvios. Procurou-se igualmente fazer um levantamento dos consumos de bebidas alcoólicas destes participantes e investigar qual a percepção que estes têm dos seus pais.

De forma geral, a literatura sugere que o consumo de substâncias como o álcool tem início sobretudo durante a adolescência e pode dever-se a variadíssimos motivos (Trindade & Correia, 1999). De acordo com Njenga (2005 citado por Changalwa, Ndurumo, Barasa & Poipoi, 2012), o contexto em que a criança é educada, constitui-se como um importante fator para o desenvolvimento de possíveis problemas com o álcool. Neste sentido, a instituição familiar pode apresentar-se como um fator de risco ou proteção, uma vez que as primeiras experiências da infância vêm reforçar ou desencorajar determinados comportamentos (Njenga, 2005 citado por Changalwa, Ndurumo, Barasa & Poipoi, 2012).

Neste capítulo discutem-se os principais resultados obtidos neste estudo, considerando os objetivos anteriormente definidos.

Num primeiro momento, apresentamos uma análise dos hábitos de consumo de bebidas alcoólicas. Posteriormente procedemos à análise da percepção de estilos parentais e por fim, discutem-se as relações existentes entre a percepção de estilos parentais e o consumo de bebidas alcoólicas.

Assim, relativamente aos hábitos de consumo de bebidas alcoólicas, os resultados obtidos revelaram que 65,6% da amostra, referiu não consumir bebidas alcoólicas, sendo que aproximadamente metade dos que as consomem, revelam nunca se ter embriagado, resultados bastante discrepantes dos encontrados por Vinagre e Lima (2006), onde 93,5% dos 585 adolescentes inquiridos referiu já ter consumido álcool, e aos encontrados no distrito de Leiria, por Marques, Viveiro e Passadouro (2013) onde 93,5% dos 585 adolescentes inquiridos o referiram também.

No que respeita a diferenças entre géneros, no nosso estudo são os rapazes que consomem mais frequentemente este tipo de bebidas, sendo que a cerveja detém a preferência dos rapazes e as bebidas destiladas, a preferência das raparigas. A frequência do consumo de vinho é significativamente inferior. Ao nível das diferenças de consumo entre rapazes e raparigas, estes resultados estão de acordo com os encontrados por Matos e colaboradores (2001) e por Corte-Real e seus colaboradores

(2008), onde também se verificou um aumento do consumo conforme o avançar da idade; e que são os rapazes quem mais consome esta substância.

No nosso estudo verifica-se também que o consumo de qualquer bebida alcoólica, assim como, a frequência dos episódios de embriaguez, são significativamente superiores nos inquiridos mais velhos, isto é, com idades compreendidas entre os 15 e 18 anos. Estes resultados estão de acordo com múltiplas investigações recentes realizadas no mesmo âmbito (Vinagre & Lima, 2006; Matos e tal., 2001; Feijão, 2010; Fonseca, 2010; Ferreira & Torgal, 2010).

Atendendo ao facto de os comportamentos dos progenitores poderem diferir entre si, optámos por investigar as diferenças entre pai e mãe nas dimensões e práticas percebidas pelos adolescentes. Neste seguimento, verificou-se que as mães tendem a ser percecionadas como aquelas que exercem um maior nível de coerção e imposição, ligeiramente mais autoritárias e indulgentes do que os pais enquanto os pais são vistos como sendo um pouco mais negligentes e autoritativos do que as mães. Esta classificação do pai pode ser considerada positiva, uma vez que de acordo com a revisão de Newman e colaboradores (2008), diversos estudos parecem sugerir que contextos familiares autoritativos estão associados a uma maior proteção e menos comportamentos de risco. Conclusões partilhadas por Piko e Balázs (2011) que também apontam o estilo parental autoritativo como factor protetor face aos consumos de substâncias durante a adolescência.

No nosso estudo, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas no que respeita à frequência dos consumos de bebidas alcoólicas, tendo em conta o estilo parental dos pais, sendo que o consumo de bebidas alcoólicas no grupo de pais indulgentes é significativamente inferior aos dos pais negligentes e autoritários. Resultados semelhantes foram encontrados nas mães, onde a média da frequência do consumo de bebidas alcoólicas mais elevada é encontrada no estilo parental autoritário e a menor nas mães indulgentes. Contudo, devemos salientar uma vez mais que neste caso as diferenças não se revelaram estatisticamente significativas. Estes resultados não são particularmente surpreendentes, uma vez que diversos estudos científicos já vêm associando a tipologia negligente a uma maior probabilidade de envolvimento em comportamentos de risco, onde se inclui o abuso de substâncias (Newman et al., 2008; Wood, 2004 citado por Chagalwa et al., 2012),

Por sua vez, Parra e Oliva (2004) salientam a importância do afeto e de uma comunicação saudável para um melhor ajuste do adolescente, o que nos remete para o facto de a nossa investigação ter concluído que a dimensão Aceitação/Implicação, assim como, a maioria das subescalas dessa dimensão, se encontram significativamente correlacionadas com a frequência do consumo de bebidas alcoólicas, isto é, uma maior aceitação e implicação poderá contribuir para consumos menores.

Os nossos resultados revelaram ainda que as raparigas percecionam um grau de Aceitação/Implicação das mães significativamente superior ao dos rapazes; percecionam também mais afeto dos pais e diálogo das mães. A sua percepção de coerção/imposição é significativamente inferior à dos rapazes, a todos os níveis – coerção verbal, coerção física e privação- para ambos os progenitores.

Encontram-se também diferenças relativas à faixa etária. Adolescentes mais jovens (10-14 anos) percecionam Aceitação/Implicação dos pais significativamente superior à daqueles que têm idades compreendidas entre os 15 e os 18; percecionam também mais afeto tanto no pai como na mãe, mais diálogos nos pais e menos indiferença de ambos os progenitores, do que os jovens mais velhos. Relativamente à coerção física e privação, são os adolescentes mais jovens quem mais os perceciona. Estes dados vêm de encontro aos apurados por Luís (2011), cujo estudo verificou a existência de diferenças estatisticamente significativas no grau de aceitação/implicação percebido pelos adolescentes, sendo que conforme os adolescentes crescem, diminui a afectividade dos pais e aumenta o grau de indiferença do pai.

A nossa investigação confirmou ainda um efeito relativo às práticas parentais dos pais no consumo de álcool dos seus filhos, ainda que em ambos os casos as magnitudes observadas sejam relativamente modestas. Concluiu-se também que a percepção de Coerção/Imposição relativamente aos pais e às mães não parece ter qualquer relação significativa com o facto dos inquiridos consumirem ou não bebidas alcoólicas. Em suma, os dados sugerem que a percepção de maiores níveis de aceitação/implicação por parte dos participantes relativamente a ambos os pais poderá assumir um carácter preventivo em termos de consumo de bebidas alcoólicas. Estes resultados vêm parcialmente corroborar os encontrados por Kelly e colaboradores (2011 citados por Benites & Schneider, 2014), cujo estudo, com 6.837 adolescentes australianos, na faixa etária de 11 aos 13 anos, constatou que a proximidade emocional com o progenitor do sexo oposto funciona como um fator protetor tanto para os rapazes, como para as

raparigas. Os autores ressaltam ainda que esta proximidade emocional pode ser particularmente importante em períodos de transição, como a entrada na adolescência.

## Capítulo VI- Conclusão

Considerando a dimensão que o fenómeno do consumo de álcool durante a adolescência tem vindo a ganhar no panorama atual, torna-se fundamental detetar fatores de risco e proteção que possam guiar programas de intervenção passíveis de ser aplicados. É neste âmbito que a nossa investigação se insere, na exploração de uma das variáveis que pode ser determinante neste processo – os estilos parentais.

Através da revisão da literatura foi possível constatar o crescente interesse da comunidade científica por este tema, bem como os preocupantes dados epidemiológicos que vêm sendo apurados tanto a nível mundial, como nacional. Estudos realizados têm também vindo a alertar cada vez mais para o papel que os pais desempenham neste fenómeno. Apesar de o consumo de álcool por adolescentes poder dever-se a variadíssimos motivos, parece consensual que os estilos parentais são um dos principais fatores intervenientes no processo (Trindade & Correia, 1999). Neste sentido, esta investigação pretende analisar de que forma este fenómeno afeta os adolescentes algarvios, considerando-se que o facto de se tratar de uma amostra constituída somente por residentes desta região pode ser positivo, uma vez que a atitude face ao álcool é influenciada por questões culturais que podem justificar em certa medida resultados díspares encontrados a nível nacional.

A concretização deste estudo permitiu-nos fazer uma análise do fenómeno do consumo de álcool entre adolescentes residentes no Algarve e contribuiu também para uma melhor compreensão acerca do papel dos estilos parentais neste processo. Assim, de modo geral, as principais conclusões que resultaram desta investigação foram as seguintes: no que concerne às características sociodemográficas, os resultados apontam para adolescentes inseridos em famílias relativamente homogéneas, sendo que se tratam na sua grande maioria de famílias biparentais, com pais e mães escolarizados sobretudo entre o ensino básico e o secundário, e atualmente com empregos. Relativamente ao percurso escolar do próprio jovem, a maioria dos participantes nunca ficou retido. Considerando estes dados, podemos concluir que a este nível se verificam condições que podem ser consideradas como fatores de proteção para o consumo do álcool.

Os resultados obtidos sugerem também que a perceção do comportamento parental varia entre rapazes e raparigas, e altera-se no decorrer da adolescência, o que leva a crer que conforme o sexo e a idade do adolescente, assim se altera a dimensão de socialização em que o pai e a mãe se enquadram. Estes resultados de modo geral vão de

encontro aos veiculados pela literatura, reforçando a ideia de que as raparigas dispõem de maiores níveis de aceitação/implicação do que os rapazes; e que, com o avançar da idade, o adolescente ganha uma maior autonomia face aos pais, diminuindo os níveis de coerção/imposição.

Relativamente aos estilos parentais, a tipologia autoritária e negligente parece estar associada a um maior consumo, contrariamente à indulgente e à autoritativa.

Relativamente ao consumo de álcool, os dados também foram de encontro ao expectável, na medida em que os indivíduos do sexo masculino e com maior idade, são quem mais bebe, dados estes concordantes com os estudos HBSC e com a maioria da informação disponível. Salienta-se neste contexto, que os níveis de consumo desta substância na região Algarvia, bem como os dados relativos a episódios de embriaguez, considerando outros estudos realizados em Portugal, apresentam valores relativamente baixos, o que pode ser um bom indicador.

No que concerne a limitações do nosso estudo, uma vez que a amostra foi constituída apenas por adolescentes residentes no Algarve, não é representativa da população de adolescentes portugueses no geral. Seria assim interessante que estudos semelhantes abrangessem todo o país, focando particularmente as diferenças entre regiões, uma vez que se encontram resultados bastantes díspares como é possível verificar por exemplo através dos resultados conseguidos neste estudo e no realizado com população de Leiria.

Acresce ainda o facto de os questionários aplicados, no seu todo, tornarem o processo de recolha e tratamento de dados extenso e extenuante, dificultando o controlo de variáveis parasitas como o cansaço. O ideal seria que fossem elaboradas versões reduzidas dos instrumentos, de forma a reduzir o risco de enviesamento dos resultados. Considerando que a aceitação do consumo de substâncias durante esta etapa da vida, difere conforme a cultura, seria também importante que os instrumentos fossem todos validados para a população portuguesa.

Relativamente a possíveis estudos futuros, seria interessante a realização de mais estudos longitudinais que acompanhassem diferentes fases, de modo a avaliar se de facto as dimensões se alteram, de que forma e quais as consequências que esta modificação comporta ao nível do consumo de substâncias. Acreditamos também que os factores de risco e protecção devem continuar a ser aprofundados e que as diferenças sentidas entre culturas devem ser melhor exploradas.

Relativamente ao nosso estudo, não obstante as limitações citadas, acreditamos que este representa os hábitos de consumo de álcool dos jovens algarvios entre os 10 e os 18 anos, bem como a percepção que os adolescentes têm sobre os estilos parentais dos seus pais e mães, permitindo ainda algumas conclusões úteis ao nível da influência que os estilos parentais possam ter neste comportamento de risco. Na prática, os resultados conseguidos podem contribuir para a elaboração de intervenções eficazes contra o consumo de álcool em idade precoce, em território nacional e local, com particular enfoque para o fundamental papel que os pais representam durante a adolescência enquanto factor de proteção ou risco.

## Capítulo VII – Referências Bibliográficas

Advisory Council on the Misuse of Drugs . (2006). *Pathways to problems*.

Alati, R., Maloney, E., Hutchinson, D.M., Najman, J.M., Mattick, R.P., Bor, W. & Williams, G.M. (2010). Do maternal parenting practices predict problematic patterns of adolescent alcohol consumption?. *Addiction*, 105, 872-880. doi:10.1111/j.1360-0443.2009.02891.x

Almeida, L., & Freire, T. (1997). *Metodologia da investigação em psicologia e educação*. Coimbra: APPORT.

Antunes, C., Sousa, M.C., Carvalho, A., Costa, M., Raimundo, F., Lemos, E., Cardoso, F., Gomes, F., Alhais, D., Rocha, A., & Andrade, A. (2006). Auto-estima e comportamentos de saúde e de risco no adolescente: efeitos diferenciais em alunos do 7º ao 10º ano. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 7 (1), 117-123.

Babor, T.(2009). Álcool: bem de consumo sui generis. Resumo do livro: Alcohol & public policy group. *Revista Toxicodependências*, 15, 77-86.

Barroso, T., Mendes, A., & Barbosa, A. (2012). Adaptação cultural e validação da versão portuguesa da Escala de Expectativas acerca do Álcool – versão adolescentes. *Revista de Enfermagem Referência*, 8, 17-27.

Bogensneider, K., Ming-yeh,W., Raffaelli, M., & Tsay, J.C. (1998). *Child Development*, 69, 1672-1688.

Branje, S. & Aken, M.. (2002). *Relational support in families with adolescents*. *Journal of family psychology*, 16, 351-362.

Camacho, I., & Matos, M.G. (2006). Práticas parentais, escola e consumo de substâncias em jovens. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 7(2), 317-327.

Carvalho, A.C., & Leal, I.P. (2006). Construção e validação de uma escala de representações sociais do consumo de álcool e drogas e, adolescentes. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 7 (2), 287-297.

Changalwa, C.N., Ndurumo, M.M., Barasa, P.L., & Poipoi, M.W. (2012). The relationship between parenting styles and alcohol abuse among college students in Kenya. *Greener Journal of Educational Research*, 2 (2), 013-020.

Choquet, M., Hassler, C., Morin, D., Falissard, B., & Chau, N. (2007). Perceived parenting styles and tobacco, alcohol and cannabis use among French adolescents: gender and family structure differentials. *Alcohol & Alcoholism*, 43 (1), 73-80. doi:10.1093/alcalc/agm060

Corte-Real, N., Balaguer, I., Dias, C., Corredeira, R., & Fonseca, A. (2008). Actividade física, prática desportiva, consumo de alimentos, de tabaco e de álcool dos adolescentes portugueses. (2008). *Revista Portuguesa de Saúde Pública*, 26 (2), 17-25.

Currie, C., Roberts, C., Morgan, A., Smith, R., Settertobulte, W., Samdal, O., & Rasmussen, V.B. (2004). Young people's health in context. Health policy for children and adolescent. World Health Organization.

Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: an integrative model. *Psychological Bulletin*, 111 (3), 487-496.

Ennett, S.T., Fonshee, V.A., Bauman, K.E., Hussong, A., Faris, R., Hipp, J., Cai, L., DuRant, R., & Reyes, H.L.M. (2008). The social ecology of adolescent alcohol misuse. *Child Development*, 79 (6), 1777-1791. doi:10.1111/j.1467-8624.2008.01225.x

Feijão, F. (2010). Epidemiologia do consumo de álcool entre os adolescentes escolarizados a nível nacional e nas diferentes regiões geográficas. *Revista Toxicodependências*, 16, 29-46.

Ferreira, M.M.S.R.S., & Torgal, M.C.L.F.P.R. (2010). Consumo de tabaco e de álcool na adolescência. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 18 (2), 122-129.

Fonseca, A.C. (2010). Consumo de álcool e seus efeitos no desempenho escolar. *Revista portuguesa de pedagogia*, 44, 259-279.

Gaspar, T., Gonçalves, A., Ramos, V., & Matos, M.G. (2006). Desvantagem sócio-económica, etnicidade e consumo de álcool na adolescência. *Análise Psicológica*, 4 (XXIV), 495-508.

- Hingson, R.W., Heeren, T., & Winter, Michael, R. (2006). Age at drinking onset and alcohol dependence: Age at onset, duration and severity. *Arch Pediatr Adolesc Med*, 160, 739-746.
- Lomba, L., Apóstolo, J., Mendes, F., & Campos, D.C. (2011). Jovens portugueses que frequentam ambientes recreativos nocturnos. Quem são e comportamentos que adoptam. *Revista Toxicodependências*, 17, 3-15.
- Luís, K.F. (2011). Estilos parentais percebidos pelos adolescentes. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade do Algarve, Faro.
- Maia, C., Freira, S., Fonseca, H., Pedro, R., & Silva, F. (2010). Consumo de substâncias no adolescente. *Acta Pediátrica Portuguesa*, 41 (6), 262-265.
- Marques, M., Viveiro, C., & Passadouro, R. (2013). Uma velha questão numa população jovem: o consumo do álcool nos adolescentes escolarizados. *Acta Médica Portuguesa*, 26 (2), 133-138.
- Martinez, I., García, J.F., Camino, L., & Camino, C.P.S. (2011). Socialização parental: adaptação ao Brasil da escala ESPA-29. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24 (4), 640-647.
- Matos, A.M., Carvalho, R.C., Costa, M.C.O., Gomes, K. E.P.S.G., & Santos, L.M. (2010). Consumo frequente de bebidas alcoólicas por adolescentes escolares: estudo de fatores associados. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 13 (2), 302-313.
- Matos, M.G. & Equipa Aventura Social (2012) Relatório do estudo HBSC 2010.1ª edição. Lisboa
- Matos, M.G., Carvalhosa, S.F., Reis, C., & Dias, S. (2001). Os jovens portugueses e o álcool. 7,1. FMH/PEPT/GPT.
- Mello, M.L.M., Barrias, J., Breda, J. (2001). Álcool e problemas ligados ao álcool em Portugal. Lisboa: Direcção Geral de Saúde.
- Moraes, R., Camino, C., Costa, J.B., Camino, L., & Cruz, L. (2007). Socialização parental e valores: um estudo com adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20 (1), 167-177.

- Nunes, C., Luís, K., Lemos, I., & Musitu, G. (in press, 2015). Características psicométricas da versão portuguesa da escala de socialização parental na adolescência ESPA- 29 [Psychometric properties of the Portuguese version of the parental socialization scale in adolescence ESPA-29]. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, (2).
- Oliveira, J.H.B. (1994). *Psicologia da educação familiar*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Pacheco, J.T.B., Silveira, L.M.O.B., & Schneider, A.M.A. (2008). Estilos e práticas educativas parentais: análise da relação desses construtos sob a perspectiva dos adolescentes. *PSICO*, 39, 66-73.
- Paiva, F.S., & Ronzani, T.M. (2009). Estilos parentais e consumo de drogas entre adolescentes: revisão sistemática. *Psicologia em Estudo*, 14, 177-183
- Parra, A., & Oliva, A. (2006). Un análisis longitudinal sobre las dimensiones relevantes del estilo parental durante la adolescencia. *Infancia y Aprendizaje*, 29 (4), 453-470.
- Pestana, M., & Gageiro, J. (2003). *Análise de dados para as ciências sociais – A complementaridade do SPSS* (3ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Piko, B.F., & Balázs, M.A. (2011). Authoritative parenting style and adolescent smoking and drinking. *Addictive Behaviours*, 37 (2012), 353-356. doi:10.1016/j.addbeh.2011.11.022
- Reis, A., Barros, J., Fonseca, C., Parreira, L., Gomes, M., Figueiredo, I., & Metapa, S. (2011). *Revista Portuguesa de Clínica Geral*, 27, 338-346.
- Regber, S., Berg-Kelly, K., & Marild, S. (2007). Parenting Styles and Treatment of Adolescents with Obesity. *PEDIATRIC NURSING*, 33 (1), 21-28.
- Ardelt, M., & Day, L.(2002). Parents, siblings, and peers: Close social relationships and adolescent desviance. *Journal of Early Adolescence*, 22(3), 310-349.
- Van Well, F., Bogt, T., & Raaijmakers, Q. (2002). Changes in the parental bond and the well-being of adolescents and young adults. *Adolescence*, 37(146), 317-333.
- Rhee, K. (2008). Childhood Overweight and the Relationship between Parent Behaviors, Parenting Style, and Family Functioning. *ANNALS, AAPSS*, 615, 12-37.

Simões, C., Matos, M.G., & Foguet, J.B. (2006). Consumo de substâncias na adolescência: um modelo explicativo. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 7 (2), 147-164.

Robinson, W.P. (1990). Academic achievement ad self-esteem in secondary school: muddles, myths and reality. *Education, Research and Perspectives*, 17, 3-21.

Smetama, J.G. (1995). Parenting styles and conceptions of parental authority during adolescence. *Child Development*, 66, 299-316.

Sprinthall, N.A., & Collins, W.A. (1999). *Psicologia do Adolescente: Uma abordagem desenvolvimentista* (2ª.ed.). Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian.

Teyber, E. (1992). *Ajudando as crianças a conviver com o divórcio*. São Paulo: Livraria Nobel. Acedido em 13, Março, 2014, em: <http://books.google.pt/>

Trindade, I., & Correia, R. (1999). Adolescentes e álcool: Estudo do comportamento do consumo de álcool na adolescência. *Análise Psicológica*, 17 (3), 591-598.

Turrisi, R. & Ray, A.E. (2010). Sustained parenting and college drinking in first-year students. *Developmental Psychobiology*, 52, 286-294. doi: 10.1002/dev.20434

Vinagre, M.G., & Lima, M.L. (2006). Consumo de álcool, tabaco e droga em adolescentes: experiências e julgamentos de risco. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 7(1), 73-81.

Wang, M., Kviz, F.J., Miller, A.M. (2012). The mediating role of parent-child bonding to prevent adolescent alcohol use among asian American families. *Journal of Immigrant Minority Health*, 14, 831-840. doi: 10.1007/s10903-012-9593-7





